

# O ESCRIVÃO DAS MALFEITORIAS

C O N T O S

**EDUARDO CAMPOS**

**O ESCRIVÃO DAS MALFEITORIAS**

C O N T O S

Fortaleza  
1993

## SUMÁRIO

Dia de Mudança .....	9
O Preço da Colcha de Seda .....	19
A Adaga do Tempo .....	29
O Menino dos Mortos .....	37
Lição para Rir .....	49
Mãe ao Telefone .....	59
A Mulher do João .....	67
Rompimento Definitivo .....	77
A Testemunha .....	87
O Conto de Catão .....	95
Louvação em Velório .....	105
O Marido de Sinhá .....	117
Zulmira .....	127
Os Retratos .....	135
Apenas a Noite .....	143
O Domingo .....	155
O Nu Desolado .....	165
Irmão Mais Moço Aprende a Lição .....	173
DOCUMENTO .....	183
BIBLIOGRAFIA DE EDUARDO CAMPOS .....	189

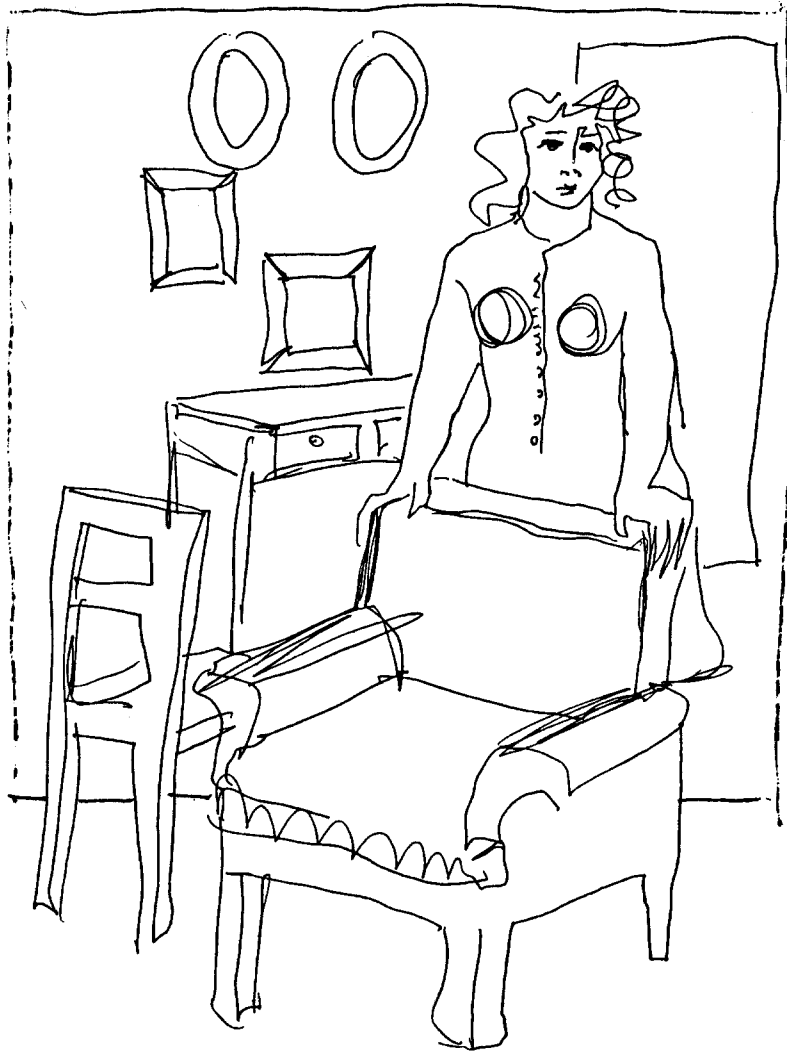
“O Escrivão das Malfeitorias fará um livro...

Tít. MX, O PRIMEIRO LIVRO DAS  
ORDENAÇÕES, MDCCLXXXVII.

“...e seja cada um Escrivão bem avisado,  
que somente ofereça as coisas que a seu  
ofício pertencem, e não usurpe o ofício  
alheio...”

Tít. XX, O PRIMEIRO LIVRO DAS  
ORDENAÇÕES, MDCCLXXXVII.

Dia da mudança



AO afastar-se o caminhão, levando o arruído da capatazia da mudança, Etelvina compreendeu que os móveis – eram poucos – careciam arrumados em seus novos lugares, ajustados à moldura do lar que situava pela segunda vez.

Enfadou-se à perspectiva da providência, a se dar conta de que o dia esmorecia, anoitecendo. Tinha mesmo de correr, ordenar providências e arranjar tempo para esquentar o jantar do filho.

– Meu Deus! – murmurou.

Mas nem se moveu, tão abatida, exausta. E nem percebeu estar a ver os retratos de família, que, emoldurados, restavam largados sobre os móveis. Havia ali um motivo a mais para abalar os seus sentimentos em compunção. Aos rostos agora contemplados figuravam uns restos de passado, principalmente os dela, condenados a uma saudade irresgatável. Novamente cercavam-lhe as feições que lhe tocavam as emoções... O pai, de boné, em férias coletivas de parentes, as últimas desfrutadas com rara expansividade. Havia mais o flagrante do grupo de irmãs, todas bem casadas, cujo destino, tecendo e retecendo por caprichosos fios, levava-as longe de seus olhos.

Bateram à porta. A criaturinha baixa, de feição rosada e ar de intimidade consentida, apresentou-se:

– Me chamo Maria José, Mazé. Sou a vizinha do lado. Pensei poder ajudá-la.

Ante o ar surpreso e indeciso de Etelvina, ajuntou:

– Me mudei várias vezes e sempre estranhei chegar a outro bairro sem conhecer ninguém. Na verdade, não se sabe que espécie de vizinho encontra... – Admitia estorvar, talvez até perturbasse.

– De modo algum! Entre.

A mulher avançou até o meio e explicou:

– Cuidei de morando aqui ter a obrigação de lhe dar boas vindas.

– Fico muito contente com sua bondade. A senhora...

– Senhora? Pra que esse luxo?!

– Obrigada.

Percebendo o silêncio que se punha em todos os lugares da casa, a visita quis saber:

– E filhos? Tem?

– Apenas Alfredo, bem perto de dez anos. Fugiu para o quintal, encantado com as fruteiras. Nem sei que artes está fazendo lá.

Pela janela aberta entornava-se o quotidiano da rua, ruído de ônibus se afastando da parada próxima, a ranger desgastadas ferragens; e mais vozes de crianças, um choro de menino rebelde, tudo muito entranhado de participação humana... No ar, que entrava pelas frestas das janelas, vinha a existência da rua, e de pessoas que recolhiam para o jantar.

– Se incomodo, volto depois. A intenção é ajudá-la.

– Que é isso?! Estava apenas pensando... – Teve de confessar a verdade: aqueles sons de vida, de rua, davam-lhe a sensação de intimidade doméstica a dois, a três... Algo assim fazia tempo não lograva.



- Desculpe, eu entendo.

- Pois é... Pelo menos agora tenho você para me ouvir. - Calou-se. Nada mais acrescentou sobre o casamento desfeito depois de uma porção de anos. Quando se imaginou possuída pela felicidade, tudo desandou; a engrenagem do amor saiu do lugar. Ficara-lhe o filho, ele e a desagradável ausência do dono da casa, o marido insensato que lhe destruíra os sonhos de ventura com uma única frase: "Não gosto mais de você."

A vizinha, fingindo-se impermeável a confissões dolorosas, foi empurrar o sofá para lugar que lhe pareceu mais conveniente.

- O pessoal das transportadoras pega nos objetos como bem entende, caia onde cair. Danificaram alguma coisa da senhora?

- Me chame Etel...

A outra fazia tudo para despertar mais emoções:

- Onde coloco o jarro com flores? Ah, as flores!

- Hem? Ah, o jarro... sim, sim... - Não sabia.

Arredavam móveis como se fosse possível mudar os caprichos de destino malvado. Etelvina emergia de mágoas, sofreadas a muito esforço, na tentativa de não se confessar totalmente infeliz. E a se fazer dura, numa encenação canhestra ia apanhando um ou outro retrato da família, como se cada postal nada mais significasse.

E significava.

Bem no fundo do coração a ferida do sentimento maltratado contraía-se dolorosamente. "Se não fora o desinteresse do marido, desatento às prendas que tinha, podiam ainda estar vivendo juntos..."

Empurraram outro móvel. Puxaram o tapete de cores vivas, recém-desembalado, para o meio da sala; e o coração de Etelvina, chagado. Não, não são palavras e frases - "O,

como ficou lindo!” – “Muito obrigado...” – “Não vá se cansar...” – que pretende dizer. Irreprimível a necessidade de desabafar, soltar a avezinha triste, o coração sucumbido.

– Vamos pegar por igual. Agora!

Não demorou suspenderem o trabalho. Nem viram Alfredo chegar, e, curioso, postar-se diante das duas. Saboreava os restos de sumarenta fruta.

– Ah, me sinto tão cansada! – exclamou a vizinha.

– Que tal um cafezinho? – propôs Etelvina.

– Pra que isso, boba! Lá é hora de botar chaleira no fogo! Primeiro a obrigação.

Descobriu a criança:

– Que bonito o “meu” lindo! Queria ter filho assim!

– Agradece, Alfredo! D. Mazé veio ajudar a mãezinha...

Rindo, o menino seguiu o ar descontraído da mulher que, arrepanhando as abas da saia rodada, num uf! de alívio, foi sentar-se em cadeira de balanço.

– Você enfadou-se mesmo.

– Não se preocupe comigo! A arrumadeira aqui vai ganhar um beijo desse menino lindo, meu sobrinho amado!

– Você não é minha tia!

– Que modo esse, filhinho?!

Deixe, Etel, deixe! – Após um momento que logo transcorreu. – É bom ter filho assim, não é? Rapazinho capaz de fazer companhia... Como dá força!

E a outra, triste:

– Ameniza a solidão.

– Ah, a solidão... – repetiu a vizinha.

As duas arrepiaram-se àquela palavra.

Foi quando soprando forte, o vento abriu a porta e Maria José compreendeu que havia chegado a noite. Qual espertada pelas responsabilidades de casa, tratou de levantar-se;– Vou indo apressar o jantar do maridinho.

- Sua ajuda foi maravilhosa! Amanhã, domingo, terei mais tempo para pôr tudo em ordem.

- Me retiro pelas obrigações, entenda! Não fosse o marido estar pra chegar, demorava mais. Quando o homem entra em casa, quer tudo à mão; toalha de banho, talco, sabonete e chinelo.

- Ah, também sei disso.

- E não fica por aí. Reclama o calor, o sal na comida, implica com o horário da minha novela. Sabe, parece que não gosta de me ver parada, sem fazer nada...

Sacudindo a saia godê, erguida a gesto de acentuada informalidade, despediu-se:

- Vou mesmo! Se precisar de mim bata na parede ou mande o seu príncipe me avisar. Tchau!

Ausentou-se envolvida pela noite iluminada.

Etelvina largou-se na primeira cadeira que deparou; sem ânimo, margurada.

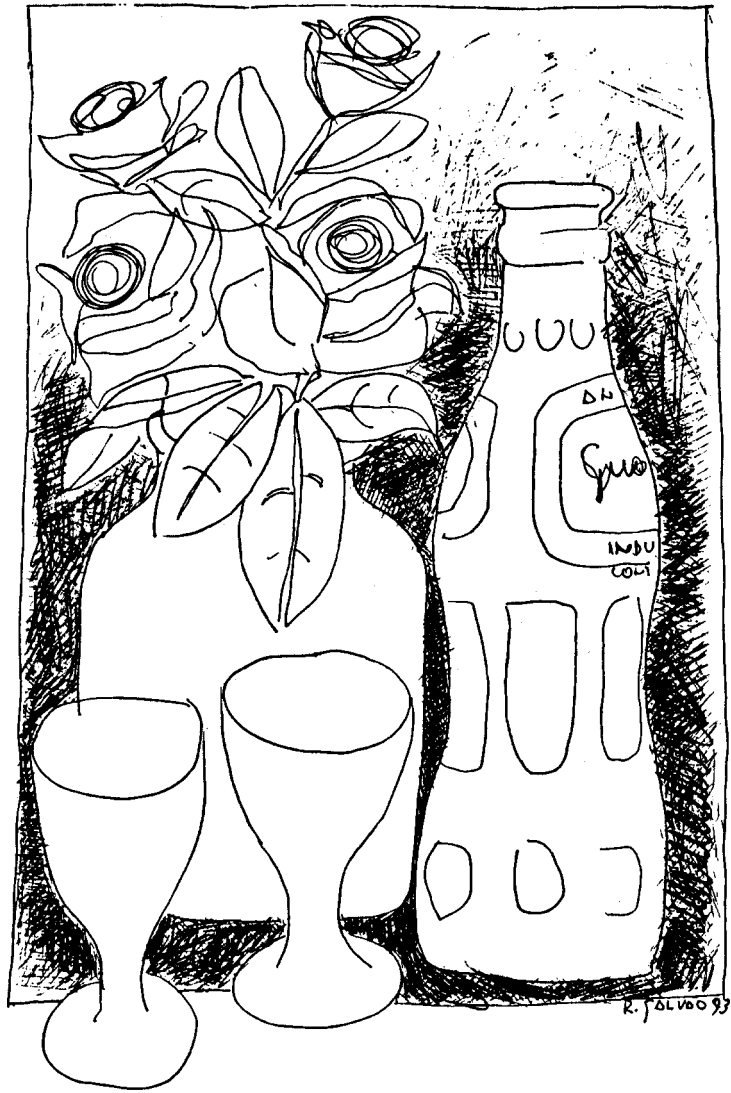
Acudia-lhe aos sentidos, em cometimento cruel, a caracterização do anoitecer; borborinho de criaturas regressando ao lar em meio ao odor suave e penetrante de pão recém-saído do forno a se intrometer entre ela e o filho, a conformar ainda mais o pensamento à idéia desejada de mesa posta para três pessoas em família, a prosa escorrente, ainda que vulgar, sobre os sucessos do dia.

Nem ao menos se animou a acender o lustre da sala, como se a atmosfera empenunbrada, em que naufragava, fosse parte do cenário de sua própria existência.

E tudo piorou muito com o filho indo aninhar-se em suas pernas suadas, qual pessoa adulta, curioso e preocupado, perguntando:

- Mãe, o que é solidão?

O preço da colcha de seda



NÃO foi ao acaso; ele vinha insistindo para ter acesso a casa da viúva, apresentar-lhe a extravagante maleta negra guarnecida de vistosos cravos dourados, em que carregava “as mais recentes novidades da moda em vestidos de senhoras de bom gosto.” Tornara-se conhecido pela habilidade de esperto vendedor, entra o -como diziam a modo debochativo; capaz de abrir qualquer porta menos a da casa de D. Clotilde, obstinada até ali em não lhe franquear a desejada intimidade.

Afinal a curiosidade de “ver os mimos tão apregoados” venceu a ostensiva cautela da viúva. E, contentado por mais uma vitória, Julião foi desvendar-lhe as últimas novidades recebidas. Experimentado, entendia que todo freguês, bom comprador, é o que demora capitular diante do vendedor.

Repetiria a visita outras vezes, sentindo progressivamente ir ganhando terreno. Até então, por volta dos cinqüenta anos, a curtir vida solitária, aprendera a apreciar jardim e sala-de-visita bem arrumada qual a da viúva, onde pareciam devidamente situados, e, em tudo, convincente a transparência de asseio.

Por esse momento inicial de contacto com o novo cliente, procurava moderar-se – ater-se ao hábito de não fechar negócio.

Melhor – dizia-se a si mesmo – conquistar a confiança, ficar certo de encontrar sempre a porta aberta à sua disposição.

À dona da casa, desse modo, com fingida indiferença ele encenava a técnica que o projetara nas explicações de venda, extraindo como nunca os objetos precavidamente escondidos e só revelados em hora azada. Tudo entremeado de gestos largos e comentários sutis: “Veja, nem sabia que trazia este artigo! Era para ter ficado no meu escritório...” – “Ah, ainda nem marquei o preço dos sabonetes... Têm perfume importado! “E de permeio a tanta loquacidade, explicava ter logo cedo aprendido fazer a diferença entre fregueses e clientes.

– E então? Não dá tudo no mesmo?

– Em absoluto! Freguês é comprador vulgar, pouco exigente. Se satisfaz com qualquer coisa... O cliente difere em tudo! Tem educação, sabe o que quer! Não se deixa enganar. – Depois de propositada pausa: – a senhora, por exemplo.

– Eu?!

– Nada de modéstia! Vejo-a inteligente, bem dotada e, sem dúvida, dama de trato.

Nesse ponto acionava o fecho do discurso:

– Li em algum livro: o entendimento, a troca de idéias, sempre aproxima as pessoas.

– Naturalmente.

Nisso a dona da casa descobriu o lenço bordado, pintalgado de flores azuis e amarelas, algo aparentemente de pouco destaque no mostruário.

– Posso ver?

– Meu Deus, devia ter escondido! Por enquanto é amostra de importante lançamento da moda. Os jornais estão anunciando...

- Imaginei-o mercadoria de negócio.  
Ele fingiu espanto tão espontâneo, a ponto de acreditar na cena que armou.

- Meu Deus, a senhora me pegou em flagrante!  
- Sim, e agora?  
- Agora? E lhe oferecer o lenço, de presente. Não posso vendê-lo, mas posso...  
Adivinhando-lhe o pensamento, a mulher obstinava-se:  
- Não, não, não! De modo algum!  
Ele fingia implorar:  
- A senhora vai me contrariar não aceitando. Por favor!  
- Mas estou abusando...  
- Por favor, não se recrimine por tão pouco!  
Riram os dois. Ela não comprou nada, nem tão pouco ele insistiu para fazer negócio. Sabia que mais à frente estaria ganhando algum dinheiro ali. O primeiro contacto servia para cimentar a amizade, estabelecer – como de costume referir – o “canal de comunicação com o cliente.”

Retornou passado um mês, a própria D. Clotilde, menos formal, abriu-lhe prazerosamente a porta, diferente da vez anterior. Não se guardava mais.

Agora a dona da casa tinha um quer que fosse que resplandecia, talvez o vestido vermelho então usado e nada ajustado ao horário nem a visita dele, desimportante.

Na terceira ou quarta visita, os dois conversaram longamente. De modo feito, adiante, escolhidos uns artigos sobre inspiração momentânea – trusse e espelinho de ficar em cima da penteadeira, – veio o oferecimento do refrigerante.

E mais bondade da senhora. Não precisa.  
- Ora se precisa! Com o calor que está fazendo, vai bem o guaraná gelado.



Ela própria serviu-lhe a bebida em bandeja de vidro espelhado; o copo de cristal e a guarnição de linho branco faziam aquele gesto revestir-se de distinção inesperada.

– Aceita mais?

– Sim, sim. – aquiesceu.

Agora e daí por diante, sabiam muito um do outro. Ele já a imaginava qual a maleta de cravos dourados, algo a lhe merecer bastante atenção. Tinham ambos (princiPIava a descobrir) tais e tais coincidências a uní-los. Ele não se casara, pois nunca tivera tempo para reparar, com mais atenção, as moças que conhecera desde os distantes dias de escola, ou naqueles, reveladas ao trivial de encontros circunstanciais. Ela, a seu turno, contraíra um matrimônio episódico, sem filhos, experiência de má lembrança. Falecido o esposo, ficaram as rendas, o desconsolo.

– Não esqueci o cafezinho.

– Assim me acostumo mal!

– Já lhe disse: nada de cerimônia entre nós.

Às despedidas, nessa oportunidade, recordaram passagens da vida, sucesso de cada um. Ele acertou voltar como sem falta, na semana vindoura, trazendo-lhe novidades especiais.

Volveu daí a três dias, recebido na sala ampla guarnecida de jarros com dalias e rosas. Mas o perfume, de jasmim, não vinha das flores certamente, mas do lençinho manejado por ela com bastante graça e artifício.

Não demorou o guaraná. A mesma bandeja espelhada, o copo de cristal e o alvíssimo guardanapo de linho cuidadosamente arrumado.

– Agora, café.

Serviram-se os dois muito a vagar, discreteando.

– Alguma novidade?

- Ora, quase esqueci! A senhora nem sabe. Tenho hoje a maior atração da temporada de moda.

Do fundo da maleta, em gesto corrido e estudado retirou embrulho que, desfeito a vagar, ia revelando linda colcha de cama, delicadamente bordada em seda.

A mulher não se conteve:

- Uma coisa linda!

- Veio escondida pra ninguém ver em primeiro lugar. Ao dar com ela nas mãos da bordadeira, fui logo pensando: “D. Clotilde vai adorar este mimo. Tem muito bom gosto e aprecia o que é feito com arte.

A viúva não sabia como disfarçar: a lisonja a alegrara sobremodo. Afundou-se na cadeira estalejando as molas, a imaginar seriamente o vendedor exceder-se àquele dia em tudo..., na maneira de negociar e em ser cortês. Com que então era uma colcha que só ela saberia admira? Na certa experimentá-la-ia na alcova, a insistir em que ambos a estirassem sobre a cama, e a tanto lhe dizendo palavras que deveriam ser atrevidas. Ah, o atrevimento era também um ingrediente indispensável ao jogo amoroso!

- O fio de seda do arremate foi tecido por mãos de fada! É jóia para enriquecer cama de rainha. Repare os detalhes. Veja:

tudo trabalhado à mão.

D. Clotilde imaginou-se no quarto, vendo Julião estender a guarnição sob fingido rubor, em face dessa intimidade que curtia e talvez descobrindo-a quase “no ponto” de ser colhida em ritmo de afeto especial.

E lhe fez possivelmente a indagação infeliz para o importante momento:

- Agora só falta discutirmos o preço. É muito cara?

Ele empertigou-se por inteiro, animado à idéia de fazer ali o melhor negócio da semana. Sentia-se invejável na

postura irrepreensível, a viver por inteiro a personalidade de vendedor atilado que sabe aproveitar as circunstâncias de comércio.

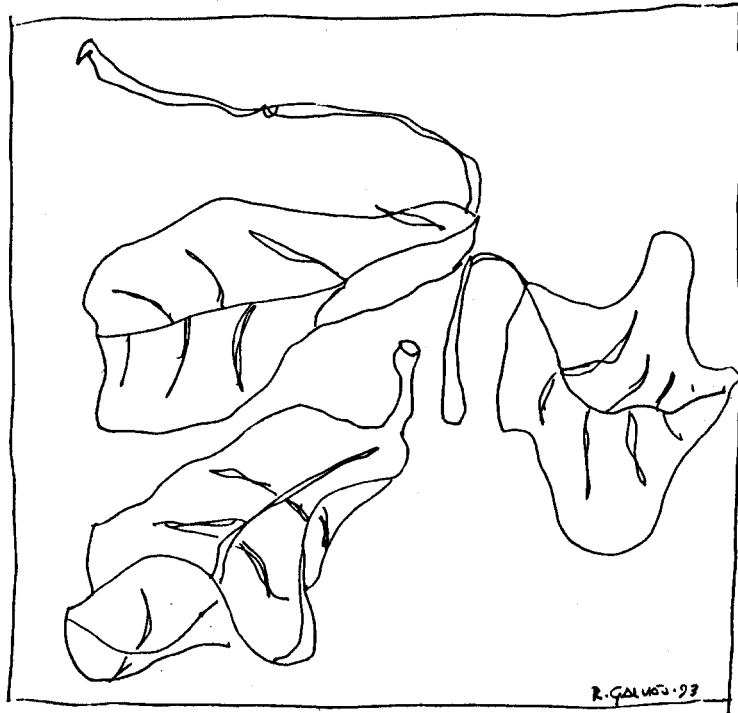
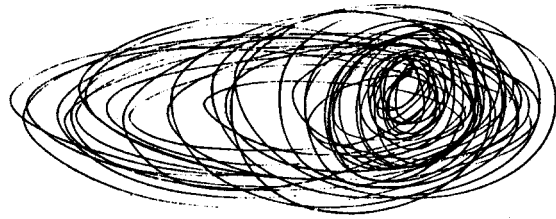
Nem percebeu não lhe chegar mais aos sentidos o perfume de jasmim, transpirado também dos seios da viúva; assim como o deixavam de fascinar de repente, tão de repente mesmo, os jarrões com rosas e dalias, o guaraná gelado posto entre os dois copos de cristal à sua espera, e o mais que poderiam conversar...

Na sala imutável, caracterizadamente incômoda, aos dois e a tudo sobrelevava a maleta de couro preta do mostruário comercial, cujos dourados reluziam como nunca.

Foi então que a voz dele soou metálica, irreconciliável com os sonhos e desejos da mulher:

- A senhora não me leva esta por menos de cem mil cruzeiros!

A adaga do tempo



HOMENS e mulheres protegiam-se desde cedo no alpendre da venda do Carmo, contígua ao casarão ensolarado em que morava. De verdade, não ocorrera nenhuma combinação para virem se juntar ali no dia santo transcorrente, tedioso.

Uns, chegados de muito longe; outros de mais perto, da encosta da serra, a uma distância de encompridada légua. Uns poucos, gente mesmo da periferia urbana, simples trabalhadores de recado.

Havia quem repetisse deste modo: “Quando vi a multidão caminhando, fugindo, achei ser hora de ir embora...”

A voz, todos viam agora, era de um preto velho, desenvolto na maneira de conversar. Encostado à mureta do alpendre, chupava guloso a fumaça do cigarro, contente por estar sendo escutado pelos outros. Mas foi com transparente pesar que, a uma última observação, informou: “Pelo que vejo, só vai ficar aqui quem quiser virar repasto pra urubu...”

Francisco do Carmo, o vendeiro, deixou o lado interno do balcão como se não acreditasse naquela cena. Então, tudo agora se truncava: a paisagem e a própria vida do homem.

- Partiam? - Indagou - Será mesmo que perderam a paciência?

O preto largou os restos do cigarro, a lhe ameaçar os beijos grossos, e explicou conceituoso:

- Falo por mim. Não tenho força pra comandar os demais. E continuou a vagar, como se inventariasse os fatos que passava a expor. - E dia do padroeiro e não choveu. Nem chove mais. A vez da chuva parece que passou mesmo...

O vendeiro esteve para insistir em que se houvessem com mais prudência, mas esbarrou diante da claridade abusiva e intensa a envolver o terreiro, a se esbater na fisionomia dos homens e mulheres vencidos por circunstâncias que não entendiam. Foi quando começou a compreender, ainda que de modo vago, a situação da paisagem sofrida, os arbustos ressequidos, as últimas folhas caídas ao chão e fenadas pelo áspero tempo.

Quem haveria de crer em fatos dessa forma?

O ano passado, em dias vividos a melhores fados, as águas tinham fartado os rios e empanturrado açudes.

Quem diria!

Foi necessário alguém - não mais o preto que usara a palavra - contar os vexames experimentados.

- E muita desgraça junta, meu branco.

- Sim, sim... - O outro aquiesceu.

Àquele instante o vendeiro entendia um pouco mais, e passava a ver a inesperada dimensão do drama humano; como eram quantiosos os sofrimentos de cada um dos presente, ciclicamente enxotados de suas casas.

A ruptura climática, a estação da seca sobrevinda a um repente, após a transcorrência quase decimal de anos nutridos de chuvas abundantes, decepcionava, assustando.

Ele pensou que o mundo dominado pela inteligência humana, a pretender conhecer e se apossar de novos mundos, a disparar naves espaciais em direção a lua,

devesse saber também como resolver o problema da fome, da miséria.

Submetido a tais pensamentos que o punham desencorajado e pessimista, sugeriu à mulher providenciar café para todos.

- Com bolacha e pão - juntou.

Enquanto o café era servido, conversavam. A mesma história repetida; o preparo da terra para o plantio, a queimada, o trato final do chão; a semente..., as orações pela chegada da chuva. E se não vinha, era ter esperança, tentar novamente refazer roçado e sonhos.

- O patrão quer ouvir mais?

- Pra mim, basta.

Agora, o que podia o negociante dizer para lhes atenuar os sofrimentos? Logo mais choveria e não perderiam mais o trabalho feito? Estava escrito com ferro e fogo: chegara a hora da deserção. Não podiam mais ficar.

- A gente tem de ir saindo enquanto ainda tem vida...

Novamente a voz do preto, a se impor pela figura alta, desempenada, firme. E por contado, sabia: não haviam combinado daquele modo, mas de repente, na estrada, o grupo foi aumentado e, de repente, compreendia estar indo embora, abandonando o lugar.

- A gente tem de ir em frente.

- Ninguém pode mais demorar.

Outro homem, chamado Teodoro, propunha se encontrarem ao outro dia de manhã, mais perto da cidade. Numa última tentativa, - ia dizendo, se pede proteção ao prefeito...

Carmo interveio. Havia notícia - informou - de que o governo providenciava recursos para ampará-los. O jornal da TV anunciara também trabalho para todos...

O preto velho veio para a frente dos homens mais curiosos. Não desacreditava nas promessas, o vendeiro en-



tendesse: os auxílios poderiam chegar, mas quando? A fome não era presença de se conviver com ela muito tempo...

- Parceira atrevida. Parando na casa de qualquer um, não arreda fácil o pé.

- Se é assim... - Desvanecia-se o dono da mercearia.

- Desse jeito mesmo.

- Ninguém tem mais como esperar. Só viemos aqui, seu Carmo, porque gostamos do senhor... Demorar mais tempo é querer conversar com a morte.

Assentiram os demais.

O sol incendiava o chão, cruento, a enfermar os campos.

Da estrada deserta, fustigada pelo vento, de vez em quando, subiam nuvens de pó em redemoinho.

- Então?

O comerciante torcia para conter, ou ao menos adiar a deserção. Mas a decisão deles era fatal.

- Temos de ir.

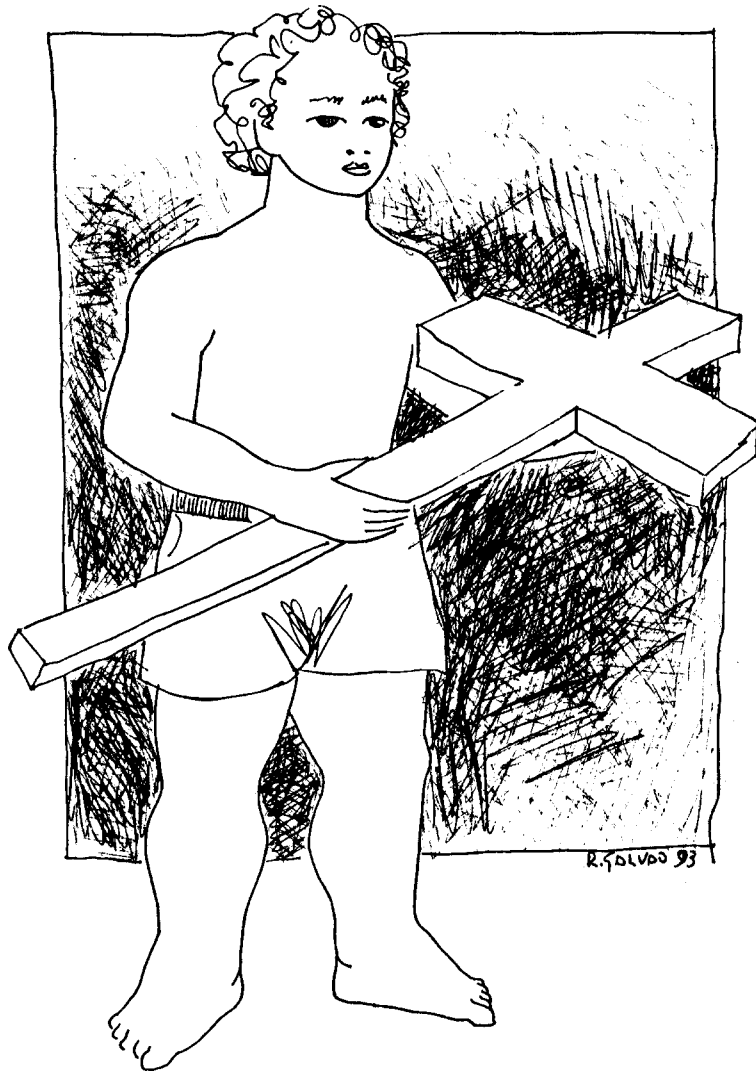
A uma inopinada emoção, calaram-se. Suspenso no ar o fartum de roupas ensebadas, de vestes suadas, o almíscar do cansaço, e a desilusão suja de poeira.

Não era a fome incrustada em seus corpos, que doía mais, dava para perceber, mas a ingrata e inadiável realidade de terem de partir, virando as costas e a vida, violentadas, à existência que os projetara nesse mundo ermo.

O silêncio, afiado na insensibilidade do tempo, feria o pensamento de cada um; letífero - percebeu o vendeiro, - em cirurgia impiedosa a apartar carnes e nervos, destroçando e cortando, cortando e destroçando...

A tornar, para recolher as xícaras, a mulher descobriu o marido dominado por forte emoção. E compreendeu que ele, sempre tão distante do problema dos outros, experimentara afinal a dolorosa revelação do sofrimento alheio.

O menino dos mortos



“POR que tardavam? O coveiro ergueu o corpo pesado, cambaleando indeciso sobre as pernas inseguras. “Vissem” – dizia a si mesmo – “como abusavam!” Segurou-se na alvenaria gasta do túmulo, sentindo minguadas as forças. Na verdade esmorecia aos tantos anos de rude ofício.

Tomou outro gole de bebida para animar-se e aliviar, como pensou, o azedume. Não era só o cansaço que o afligia mas sua vida desarrumada, sem tempo para chegar em casa como queria, e dormir em paz.

– Não deveriam demorar tanto!

Foi quando o grupo de pessoas, carregando o morto, assomou ao portão do cemitério. A frente, mais despachado dos homens e mulheres que formavam o grupo, aproximou-se o dono de decidida voz, comandando. Referia ao atraso, a contar como tudo sucedera em virtude de respeitável membro da família, do falecido, querer também assistir o sepultamento. Depois – ia falando no mesmo tom – deu-se a demora do avião, o padre quase não chegou para officiar a missa de corpo presente, etc., etc. Foram horas! E horas!

Adentrou o cortejo avançando pelo labirinto de túmulos e covas recém-abertas. Um ou outro da comitiva, displicente, repetia frases irrelevantes quais “foi afinal repousar”, “não se aborrece mais”...

Quem atendia por Fernando, cobrava providências:  
É apressar. O corpo já foi encomendado.

O coveiro parou diante da cova. Alguém indagou:

- Dá pra enterrar em dez minutos?

- Sim, se não houver problema no fechamento da gaveta.

- Nem pense nisso! Precisamos correr. Veio gente de longe, do Rio de Janeiro, e quer regressar pela machigada.

- Vou pelejar.

- Peleje.

Eusébio manejou a pá, disposto a desincumbir-se como esperavam dele. “Com isso – ia confiando a si próprio – me livro dessa gente e vou pra casa dormir sossegado.”

- Houve muito enterro, hoje?

- Mais de nove.

- Que coisa horrível!

- Pois é. Por isso estou de não me agüentar mais.

Outro queria saber:

- E quando o defunto é gordo demais?

- Demora mais, é claro.

- O pessoal reclama?

- Como?

Quem parecia liderar a família, cortou o diálogo:

- Vamos deixar o mestre fazer o serviço dele. Tem gente indo embora e eu não vou ficar aqui pra divertimento das almas!

O coveiro já erguia as mãos terrosas depois de abandonar a pá, pronto a receber o caixão. Envolvente a noite, e densa. Mas a morte se distanciava cada vez mais, a carregar uns restos de lembrança e episódios do morto, um ou outro fato transcorrido em família: e a tanto não havia mais do que moderada atenção.

Eusébio diligenciava alheio a tudo. Assim, acomodou o corpo inerte e foi tratando de cerrar o túmulo, mais ausente do que aquela gente estranha, avaliando em quanto tempo estaria saindo

dali em direção a sua casa para repousar, desentranhado do nauseante odor da morte.

– Pronto?

– Pronto.

Acompanhou o bando que se dispersava. Aliviado, fechou o portão principal.

A escuridão encorpada atufara agora o campo santo. Pesada, fluía do silêncio e céu apagado, sem estrelas. Brisa nenhuma. Mas o homem podia dizer que, naquele instante, lhe roçara as costas o contacto sobrenatural dos que, nem sempre, repousam definitivamente.

Então aquilo aconteceu. A poucos metros de onde se encontrava, o quer que fosse estranho, assemelhando um anão – não alcançava um metro de altura, – assomou. O coveiro ainda tentou firmar a vista esperando identificar tão estranha visagem. E de voz autoritária, mas em tom vacilante, inquiriu:

– Tem alguém aí?

Houve momento breve demais como se nada fosse ocorrer, enquanto a escuridão prosseguiu caindo solene e avassaladora sobre os mortos, atropelando o silêncio. Nada mexeu. Mas alguém ria, qual alegrado inconveniente por susto pregado a outrem.

– Quem é? – tornou Eusébio, irritado à manifestação debochativa e chasqueante. – Seja lá quem for, vivo ou falecido, se retire imediatamente. Logo, já pelo portão!

– Meu lugar é aqui.

– Ah, pensei que você não soubesse falar.

Foi caminhando na direção da voz, pensando segurar quem assim falava, um atrevido que lhe invadia os domínios. Mas temeroso, em tom conciliador, propôs:

- Posso lhe ajudar a sair...
- Mas eu quero ficar. Meu lugar é aqui.
- Nem pense nisso.

Disse e avançou decidido em direção ao vulto apoucado, vislumbrado à frente. Quem quer que fosse que lhe falara, sumira. E mais afastado, em lugar de modo inexplicável, parecia estar próxima a voz, agora melíflua, desafiadora:

- Vem me botar pra fora, vem!
- Eu não quero brincar. Preciso ir embora...

Amadureceu alongado silêncio propício a intimidades misteriosas. Por dois minutos? três? Quanto tempo – não saberia referir – permaneceu ali para, bastante curioso, perscrutando as sombras?

Não demorou a risada cascadeante do outro soar mais uma vez em tom de indiscutível desafio.

- Vem, te quero ver mais perto.
- Nada se moveu na rotunda da noite.

- Olha – tornou o coveiro, – façamos um trato. Vamos sair em paz...

Insólito, persistiu o silêncio.

- Venha pra minha casa comigo. Tem lugar bom pra seu sono. – Parou, sentindo-se emocionado. – Minha mulher me deixou, o mês passado, e com ela foi também meu filhinho querido. Agora, você entende; estou só, precisando de companhia...

Calou-se, preocupado com as sombras, o irrevelado. Onde se metera o importuno?

- Estou sendo sincero. Bebo, mas não minto. Sou homem de palavra.. E então? Não me dá um sinal? Me toque, diga alguma coisa.

Depois de escutar as trevas:

- Lhe peço como amigo.

Duas mãozinhas ágeis e frias de repente desequilibraram o coveiro, fazendo-o cair ao chão e bater a cabeça na areia fofa, enquanto estalava a gargalhada do parceiro oculto.

- Seu desgraçado da peste! - gritou o homem.

- Vem me pegar!

- Agora mesmo!

Ainda aos tombos, partiu na direção da voz. Pelo cemitério repetiram-se uns sons de passadas incertas, lápides pisadas e cruzeiros arrastados ao rumorejar de plantas destruídas, enquanto os dois passavam, o perseguido apressado em rumo incerto; o perseguidor atarantado e sem saber o que fazer para segurar a figura imprecisa em fuga.

De repente houve terrível grito, lancinante, qual de criatura rolando, rolando, a afundar em abismo.

Eusébio estacou assustado. Dera-se aquilo à sua frente. Uns passos mais e talvez pudesse descobrir o que sucedera.

- Que foi? Você caiu?

Invulnerável o instante, tisonado de escuridão.

Ah, sabia-se pouco sóbrio, incapaz de raciocinar corretamente. Não estava em seu controle perfeito, não podia tomar a decisão que a hora exigia.

- Você está bem? Fala ! FALA!

Atentava para os mínimos ruídos, a perscrutar as sombras. O corre-corre, esmagado plantas e flores, deixara no ar ativo cheiro de essências, odor que o tornava mais tonto ainda.

- Você se feriu? Fale, criatura, fale! Não vê que preciso saber o que houve?

Evocou os mortos. Cuidava deles há tanto tempo! Tinha-os ali por pessoas vivas, de sua convivência, com os quais repartia a amargura da vida...



Pôs-se a falar com os que entendia como seus queridos inquilinos. Expressava-se qual se esses não vivessem noutra mundo, mas em lugar ao alcance de sua mão e afeto.

– Me ajude! quero descobrir o que está acontecendo. Chegou a hora de me retribuírem o que faço por você! Vamos, Cel. Augusto, me acuda! Seu Biinha, colabore... Só desejo desvendar esse mistério...

De instante em instante sua voz rouca alteava-se e repetia nervosa indagação!

– Onde se meteu você? Onde?

Algo indefinido, menor que murmúrio, arranhou a solidão. “São os defuntos – pensou o homem – querendo se comunicar comigo”.

– Vamos, me ajudem!

Não demorou o arruído etéreo. Claramente surgindo de perto, Eusébio ouviu distinta uma voz de criança brotar do chão, algo imponderável e real a um só tempo.

– Pai!

A tanto o coveiro não se conteve e gritou desesperado:

– Faaaaaala!

– Pai! Pai!

Arrancou em direção da voz, abalroando cruces, estalejando as plantas dos canteiros, a vencer o contorno de pequenos e grandes jazigos as abeirar-se de funda cova, deslembado de quem a cavara, deixando-a estar sem serventia.

– Fala!

– Pai.

A voz débil parecia destorroar-se do fundo da terra.

– Te salvo num minuto.

– Pai... – a voz gemia.

- Vou buscar minha escada e desço até aí. Fique quietinho. É só um instante.

Não demorou.

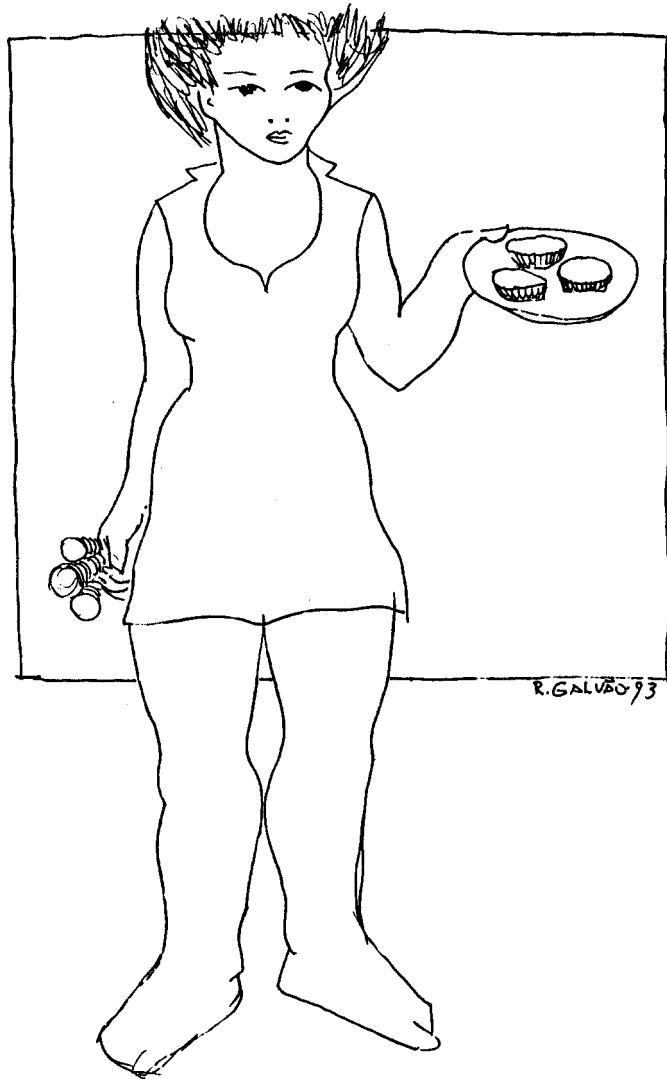
Animado como se reencontrasse a alegria de viver, foi arriando a escada, a aconselhar o menino a não se mover para não cansar. E sem delongas largou-se de degraus abaixo, torcendo para não deixar de ouvir, um momento sequer, o mesmo chamamento dependente e humano que lhe tocara o coração.

- Pai! Pai!

Menininho - ninguém soube dizer quem era e de onde surgira - foi quem primeiro viu no fundo do poço, ao amanhecer, o corpo do coveiro.

Morto, e parecia abraçar, para nunca mais soltar, o filho querido.

Lição para rir



NÃO tinha mais dinheiro. O pouco que trouxera do interior, onde morava, para a doida aventura (assim considerou a mãe, ao vê-la partir para a Capital), chegara ao fim.

Ah, a cidade grande! Não havia ali para quem apelar, a falharem todos os cartões de apresentação, as recomendações a padrinhos políticos: “Vê o doutor deputado, é do partido do teu pai! Vai ajudar na certa., Mas qual! Aonde foi, receberam-na com o mesmo ar de fingida boa vontade, cafezinho e cediças desculpas:

Volte depois, vou dar solução ao seu caso.”

Desesperada viu os dias passando. Era preciso ir à rua, tentar solução para o emprego, por sorte ou merecimento. Mas em todos os lugares defrontara igual indagação: “Tem referencias de serviço anterior?”

Difícil explicar, repetir sua história de moça recém-chegada do interior, querendo um lugar ao sol – como se dizia; – viver por conta própria, não precisar dos pais. O que podia narrar a seu respeito não ia interessar. Desfrutara a infância de sacrifícios; nem bonecas nem amigas. Pelos dez anos faziam-na ajudar na cozinha do chefe político, a quem o pai devia favores. Depois, crescida, coubera-lhe a responsabilidade de pajear as filhas do coronel à escola distante; o sol esbraseado em cima dela, pés doen-

do no chão áspero, a perceber mais logo estar definitivamente agregada à rotina doméstica...

Desse modo sentia-se emperrada toda vez que queriam saber como fora seu passado, que experiência tinha da vida, se sabia “bater” em máquina, se conhecia contabilidade...

Via-se bisonha, desaprendida das artes da vida. Na verdade talvez até não fosse difícil conseguir emprego de servente... Mas desejava algo melhor, sentar-se por trás de um balcão, despachar clientes, acionar a registradora... Ou, se isso estivesse fora de suas habilidades, permanecer mesmo de pé, a receber freguês...

Quanto mais andava, mais se sentia infeliz. Assim todos os dias, quase sem exceção, a esbarrar em propostas absurdas ou conselhos sem sentido...

Não tardou compreender: queriam que ela se transformasse, deixasse de ser moça tímida, cheia de sonhos e pensamentos ultrapassados. Por onde passou, pelos escritórios das agências de emprego, ouviu iguais recomendações: “esqueça o passado, deixe de lembrar o sertão!” – “invente outra história, de cidade, para contar...” – “tente ser nova pessoa, mais moderna, para a frente...”, E houve até quem lhe sugerisse rir...

– Ria, alegre-se!

Não sabia rir sem vontade. Nem chorar.

Quando perdeu o tio (viviavam sob o mesmo tecto), enquanto as irmãs se desatavam em lágrimas, não conseguiu chorar. Podia? O tio não merecia. Em vida um estorvo para todos, peso morto na família...

A mãe protestou aborrecida:

– Será que você não tem coração?

Não lembra a resposta, mas está certa: em casa ficaram todos contra a sua maneira de ser. E agora talvez pagasse ali, recusada em todos os escritórios. Um castigo...

Mais adiante, noutra casa precisava de balconista, recebeu a informação de haver “chegado tarde”. Foi tentar então uma vaga

na turma de moças que estavam sendo contratadas para vender a “Cesta do Natal Feliz”. O trabalho, referiu o gerente descobrindo-lhe a beleza das pernas, era visitar sucessivos clientes, de preferência pessoas importantes.

- Nessas horas - instruía astuto, - a senhorita deve saber como impressionar. O cliente é sempre muito exigente e se pretende bem servido, agradado. Ao mostrar-lhe a lista dos produtos da cesta, terá de se “vender” do mesmo modo, dar-se ao possível comprador. A venda, precisa entender agora, é biológica, animal. O corpo importa numa percentagem impressionante.

Cínico, matreiro, o homem avaliava-lhe o busto, de olhos pregados na perna grossa, apetecente:

- A senhorita possui atributos físicos para se transformar numa grande vendedora. Se me permite, desde que siga minhas instruções.

Fez pausa estratégica antes de prosseguir.

- Primeiro, vai baixar o decote... Segundo, encurtar o comprimento do vestido. As pernas, em qualquer situação, devem estar à vista do comprador...

Ela teve a impressão de ouvir mais cínicas e mais grosseiras as palavras, certa de que o homem lhe dizia: “Vamos, se anime, basta ser oferecida, descarada, fresca, e logo venderá, duas, três, quatro ou dez cestas, voltando pra casa com bastante dinheiro.” Ou: “Com pernas tão grossas e apetitosas, os peitos empinados, furando a blusa, ficará pobre se desejar...”

Não sabe o que lhe deu mas foi saindo; na verdade fugia. Queria desaparecer da frente desse provável empregador, escapar-lhe ao olhar cumprido, malicioso; a seu ar

debochativo, de fingida seriedade. E assim deu por terminada a jornada daquele dia, a procura de quem a quisesse.

Foi andando. Por cima dela o sol de verão iluminava firme. E sem saber por qual razão ficou pensando em piquenique, em passeio ao campo, em regato perto pra se banhar...

Mais tarde, já na peça exígua que ocupava na favela, viu-se deprimida à desagradável sensação de que, cada vez que saía a tentar emprego, sofria um desastre; a rejeição da sociedade,

do mundo.

Pensou na mãe ausente. Viu o pai exigente mas feliz em poder prostrar com o chefe, não obstante escravo do vigário, do presidente do sindicato rural, do prefeito, do escrivão do cartório... A mãe igualmente vulnerável, exigida ao máximo pelos quezumes domésticos, estaria mais murcha, o peito sumido, a existência exaurida, sugada. Ainda remendaria a roupa do pai e a dos irmãos? Teria perdido o fôlego para soprar as brasas do ferro de engomar? A magra disposição de lavar pratos e panelas até alta noite?

E era quem lhe dizia, aconselhando: “Minha filha, você precisa aprender. Um dia, que não vai tardar, terá de fazer tudo Isso...”

Não conteve o choro. Corria-lhe tudo aquilo tão real, ainda se sentia revoltada com a proposta da mãe. “Não, nunca iriam vê-la soprar o ferro de engomar”

Nisso a vizinha assomou à porta:

– Te atrapalho?

– Nem pense! Curtia meu dia de cão, como dizem.

– Sei, sei. Comeu alguma coisa?

– Nada.

– Pois mude a cara de desespero e vá cuidando de pegar o vestidinho de passear...



Notando-a indecisa, apressou:

- Vai, anda!

Enquanto a outra trocava a roupa, comentou:

- Alise a saia com as mãos até tirar as pregas. E também melhore a cara de fome e desgosto de quem perdeu a esperança e não espera mais nada da vida.

- Melhorei?

- Bastante.

Ganharam a rua, encontrando operários que chegavam às suas casas. A outra explicava:

- Vou te levando comigo a aniversário de menino rico. A casa é muito bacana e o dono não sabe onde mais guardar dinheiro.

- Comida corre farta, sobrando! Não sei se você sabe, mas menino bem criado quando faz anos ganha festa com os amigos. A mãe endinheirada se exagera em tudo, não mede a mão para encher o prato do filhinho amado. Sabe? Dá pena ver os pratos voltarem à cozinha, a montanha de alimentos não aproveitados... Dou sempre esse golpe, estando presente nestas horas...

- Dá certo?

- Sempre deu. Já conversei com o jardineiro. Vamos entrar se fingindo babá. Depois é demorar perto de garotinho pouco esperto. "Ó, que criancinha linda! Tão fofinha!" Quanto mais no vinho mais legal. Como a inocência ajuda nessas horas!

- Sinto medo.

- Que tolice essa?! Esteja pronta para ter à mão o que desejar: guaraná, cachorro-quente, biscoitinhos, sobremesa de bolo, a infinidade de doces... Há só uma condição: a gente tem de representar, ser meio artista, fingir que está tudo correndo em ordem e que não passamos de empregadinhas de casal com pouco dinheiro...

- Mas nunca fui de fingir, criatura!

- Que há com você?

Parou. Sabia estar dando a impressão de que ia desistir.

- Anda, te anima! - falou a outra.

Estavam já diante do portão da residência, vendo a alegria encher o jardim bem decorado, animado pela voz de alguns adultos que bebericavam. Na agitação da criança descontraída, em centro de mesa de maior tamanho avultava imponente bolo-fantasia, enorme, a figurar o globo terrestre sobrevoado por anjinhos brancos de asas douradas. Bastava apurar a vista, verificar: em cada um desses havia uma caixinha com bombom e pirulitos de lambar o pauzinho...

- Entremos.

Ela ainda tentou opor resistência, recusar o convite; mas forte demais o apelo perfumado da refeição então servida; o adocicado de bolinhos - nunca os provara antes - amimados em bandejões e ofertados aos convidados, tudo passando em desfile, carregado com indisfarçável vaidade pelos garçons.

- A hora é essa, vem!

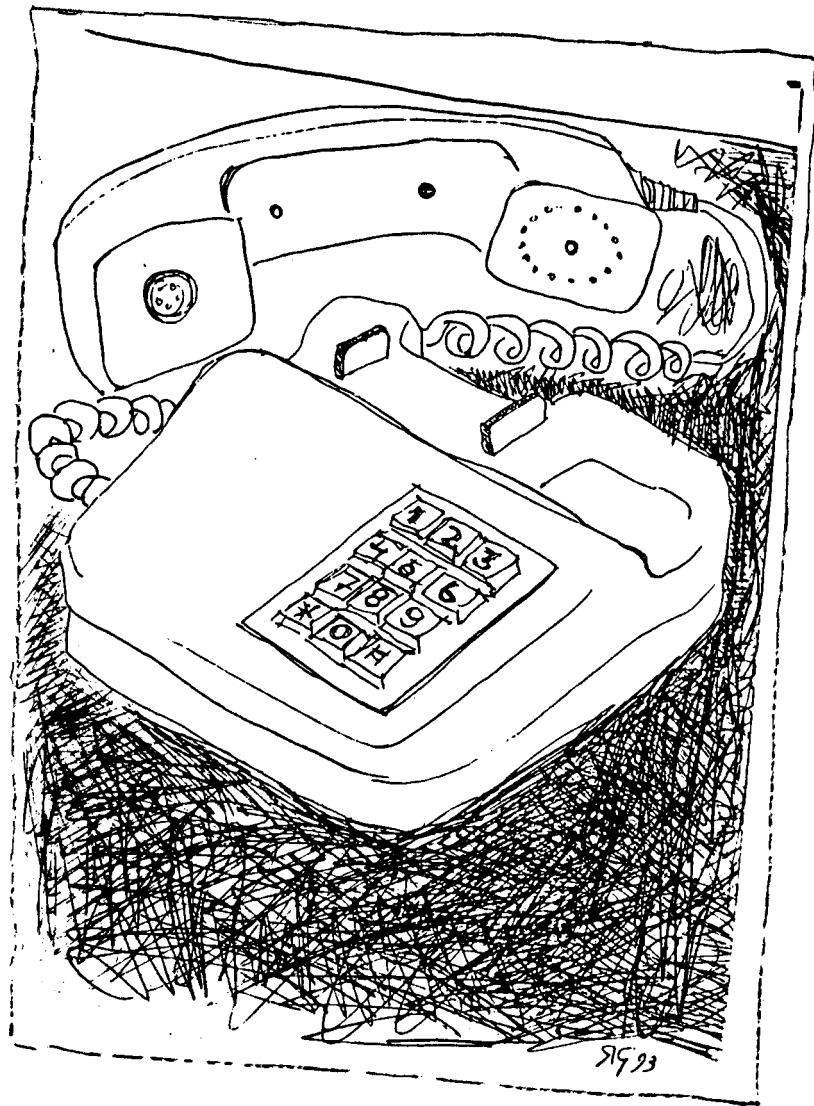
- Mas...

- Vem, não podemos perder tempo.

Estendeu-lhe a mão; arrastou-a para o interior do jardim.

Mas foi a fome, e não ela, que entrou disfarçada no vestidinho ralo, desbotado pelo uso.

Mãe ao telefone



O TELEFONE tinha “bip” eletrônico, sinal que o vendedor afiançou não irritar o usuário; e incomodava a soar seguidamente. Pelo menos desse modo ia pensando Olga ao deixar a alcova, onde repousava com o marido, para saber quem chamava.

Final de tarde; transcorrente um sábado de pouco sol.

– Já vai, já vai!...

A escutar quem falava na outra ponta da linha, surpreendeu-se:

– Mamãe?! Como? Repita devagar.

Meio sumida, parecendo distante, a voz balbuciava explicações empeçando nas frases, o que parecia de propósito:

– Minha filha, tem alguém forçando a porta do meu apartamento. Ouviu? Dá pra entender? Um ESTRANHO... Olhe, estou falando baixo, morrendo de medo. Venha me ajudar, não demore! Estou só. A doida da empregada desceu pra calçada, acho que foi ao cinema com o namorado. Como? Você acha que invento?! Ah! Ah se fosse, minha filha! Tenho certeza, é ladrão.

– Escute, mãezinha. Certamente a senhora deixou de tomar seu remédio da manhã...

– Era ruim, muito amargo!

- Pois é, por não se tratar, fica vendo visagens. Ande, vá tomar logo o comprimido.

- Quer dizer...

- Por favor, mamãe, tente controlar seus nervos. Agora levante bem a voz, fale alto para dar a impressão de não se encontrar só. Entendeu? Bata na mesa, abra a televisão, grite: “José, estão querendo arrombar minha porta! Traga o revólver!”

- Fiz tudo desse mesmo jeito... mas nada se alterou em meu favor. - A voz sumia na ligação - Tenho medo. Sempre fico nervosa com notícia de assalto, de roubo...

- Tolice, mamãe. Quem sabe se não é brincadeira? Astúcia de algum moço. morador aí no mesmo prédio? Chame o vizinho!

- O vizinho se ausentou do apartamento. Anda passeando com a mulher.

- Chame a polícia. Grite por socorro, alto!

- POLÍCIA! POLÍCIA! POLÍCIA!

Ficaram ambas em silêncio, aguardando.

- Cessaram os ruídos?

- Não sei direito...

- Grite novamente, forte, mas forte mesmo!

- POLÍCIA!!!

- ... ..

- Diminuiu mais o rumor.

- Não lhe dizia antes? Se convença, é só impressão. Tome o remédio, vá tratando de dormir. Foi imaginação!

Nu da cintura para cima, irritado, o marido assomou à porta do quarto:

- Mas que conversa demorada!

A mulher tapou com a mão o microfone do aparelho e explicou:

- É mamãe com invenção de ladrão, assalto, nem sei mais o quê!

Ao telefone, outra vez:

- Tome quanto antes os comprimidos e acenda a TV. Nada vai lhe acontecer. Não vou aí imediatamente porque perdi minha duas empregadas, cozinheira e copeira, dose pra elefante! A senhora não faz idéia do que é a vida de dona de casa hoje em dia. Tchau!

Desfez a ligação. Incontinentemente discou o numero da casa da irmã.

- Você, Vânia?

- Eu.

- Como está hoje?

- Sem anormalidade. Houve alguma coisa na sua casa?

- Um pequeno problema. Acabei de falar com mamãe.

Como não houvesse mais o que inventar, meteu na cabeça que há alguém tentando invadir-lhe o apartamento...

- Assalto?

- Isola! Você sabe que a velha inventa!...

- E se for verdade?

- Não é! Ela anda nervosa ultimamente. E não tomando o remédio, vê assombração, tem pesadelo... Agora escute: de repente ela vai ligar pra você, a exagerar, e quem está no sexto mês de gravidez não pode se assustar...

- Fico agradecida pelo zelo.

- Portanto, se tocar o telefone, não se preocupe.

- Muito obrigado pelo cuidado, maninha.

- Tchau!

Depositou o auscultador, aliviada. Ao marido, que se entretinha lendo o jornal, explicou:

- Sei que tudo não passa de impressão. Velhice.

- O telefone... - advertiu o homem.

- Hem?

- O telefone está novamente chamando. Vê logo.

Foi atender.

-Alô!

Era a irmã.

- Nem conto! Assim que você desligou, mamãe tocou pra mim. Igualzinho ao que você me informou, aquela história de ladrão, um estranho batendo na porta...

- Viu?... lhe falei!

- Imagine, parecia tão excitada! Queria que eu a socorresse. Mas pra falar a verdade, fiquei com pena da velhinha! Por Deus, tive a impressão de que ela não inventava...

- Nem prossiga! Você não conhece as manias dela Sempre exagerou em casa, andando nervosa toda vez que qualquer uma de nós adoecia. Quando tive cachumba, não me deixava sozinha um momento sequer!

- Coitadinha! Até pediu para apurar o ouvido, reparasse nos ruídos de alguém empurrando a porta, batendo, sei lá! - depois de pausa - Só com esforço segui suas recomendações e falei firme:

“Mamãe, se acalme, procure repousar.” Mas tenho minhas dúvidas: pra mim estavam tentando arrombar-lhe a porta...

- Esqueça, vá dormir. Amanhã, cuidarei de tudo.

- Combinado. Tchau!

Desfez a ligação. Dirigindo-se para o quarto, teve pressentimento de que a mãe ia ligar a qualquer momento. Ah, como tudo aquilo incomodava!

No interior do aposento tomou a cama muito à vontade para repousar. E escutou novamente o “bip” eletrônico do aparelho soando. Ainda imaginou levantar-se, mas já não a acudia a vontade de atender. E se recostou, descompromissada, como se nada estivesse acontecendo.

O telefone - ou a mãe aflita - chamava, chamava, chamava, mas distante...

E não incomodava mais.



A mulher do João



JOÃO não demorou entender: a mulher andava meio esquisita, olhando para longe quando tudo havia para ver perto. Calada, Luzia metia-se em si mesma mas sem deixar de cumprir as obrigações domésticas. Desse modo varria, fervia a água para o café da manhã, e preparava a tempo a marmita que o marido levava para a construção. Depois ia derrear-se numa cadeira da cozinha, a catar o arroz ou separar os grãos chochos do feijão.

Não parava aí. Lavava a roupa do pedreiro; passava o ferro nos seus vestidinhos, sempre falando como se a seu pé estivesse velha amiga muito solícita em ouvi-la. Mais tarde, sacudida a poeira da colcha da cama, limpava vagarosamente o pó que ficara de um dia para o outro na mesinha de cabeceira, e lia, muito atenta, histórias de amor.

Não raro atender à porta a ver quem batia, se vendedor ou vizinho carecido de favor. No mais, era puxar água na bomba e tratar de encher a tina do banheiro onde o marido se lavava cantando o mesmo sucesso musical de vinte anos atrás.

Almoçava só. “Fico muito bem com as almas”, dizia.

A começo talvez fosse mais esperta quando amimava sobre a mesa da sala de jantar a toalha plástica, sua pre-

ferida, principalmente por estarem voando nela uns passarinhos do estrangeiro, cujos nomes ignorava.

Por diante, João considerou-a em fase mais complicada. E não parou mais de ouvir aos vizinhos frases assim: “Essa mulher está precisando companhia. Arranja empregada para ela, uma arrumadeira, seja lá quem for...”

Teimando, considerava não ser nada, só esquisitice. Assim, de noite, alongava conversa contando as cenas que presenciara na obra. Até exagerava narrando coisas muito diferentes das que realmente via. Sabia agradar-lhe a informação de passar horas a fio contemplando o mar, a passagem de automóveis embaixo, na rua...

Às vezes ela indagava:

- Dá medo olhar do alto?

E ele paciente respondia, contando que a princípio, já decidido pela profissão, sofrera um bocado pra acostumar.

Não de raro, no curso da exposição do João, Luzia punha-se curiosa querendo saber um ou outro detalhe, se a rua era muito movimentada, se havia outros edifícios por perto...

Um dia o marido insistiu:

- Veja tão largada, tão triste... Que se passa?

Ela não soube responder.

- E dor? - insistiu o marido.

“Meu Deus, ah se fosse!” - a mulher pensou num desse lampejos de lucidez. Na verdade ia-lhe pelo coração, pelo juízo, entranhado nela a angústia, a contestação a tudo que pretendia fazer.

- Me conte tudo, me conte.

Podia?

Não tinha como explicar a sensação estranha que lhe assaltava em momentos os mais inesperados. A tontice, a perda de raciocínio, o esmorecimento de quem tra-

balhou muito e ao final do dia quer cama, corpo horizontalizado, paz.

- Talvez fosse melhor consultar o médico. No sindicato dizem que o doutor é bom.

Alertado pelos amigos o pedreiro levou-a às quermesses; de especial a de barquinho e ela desfrutados repetidas vezes. Foram também ao cinema do bairro, o que não faziam há anos. De braço passado sobre os ombros dela, carinhoso, ele murmurou amenidades.

Quem vivia próximo compreendia o problema de outro jeito.

- Olha, João, bota uma pessoa pra ajudar a Luzia. Ela não pode ficar assim abandonada, só.

- Carece não.

- Carece. Tua casa é pequena, mas fica grande pra qualquer um. Arranja uma menininha.

A mulher do pedreiro recusou. Diferente do que outros imaginavam, até gostava de viver isolada, ausente do mundo. Tão bom - repetia - conversar com as paredes!

- A solidão vai te matar.

- Mata não.

Tiveram de aceitá-la como de fato gostava de ser, esquisita. "João - dizia-lhe -, você sente falta de alguma coisa? Por acaso não lavo sua roupa, não passo ela todo o dia? Não varro a casa, não apronto sua marmita?"

Mas o João, afinal, acabou percebendo: a vida dela não seguia aprumada; corria fora dos trilhos, e isso era algo que ele não compreendia, mas sentia existir na sua Luzia, a quem tanto amava!

Um dia, confiou ao engenheiro da construção.

- Doutor, a mulher em casa é cem por cento. Na cama, falar a verdade, não falha. Mas sinto diferença em seus sentimentos, na maneira de viver. Já fiz tudo - pros-

seguiu contando – para voltar à normalidade anterior, aos velhos tempos de nosso namoro, uma sadia querença...

– Apele pra Deus.

– Apelei.

E podia dizer: pedira a interferência de todos, de espíritas e macumbeiros; da medicina de fundo de quintal, da cartomante, mas falhara tudo.

Um dia a pessoa macambúzia, diferente, que vivia na Luzia por tantos meses, transmudou-se.

Foi em começo de noite; João, depois do jantar, já estava para tomar ar na calçada, tirar baforadas do cigarinho barato. Luzia, guardada a louça no armário, veio sentar-se a seu lado, bastante curiosa. Queria saber em que ponto andava a construção, se haviam terminado os banheiros, e, se nesses, tinham colocado a tubulação de água quente... E o soalho seria dos modernos, um tabuado corrido? Na entrada vão colocar refletores?

João, meio surpreso, tentava responder como podia.

– Sim, sim. Talvez. Nesse caso, o engenheiro está estudando.

Ela insistia:

– Cada proprietário pode resolver por conta própria?

– Talvez. Quem sabe?

– E telefone? Será que haverá serviço de comunicações centralizado, ligando os apartamentos? E a ferragem dos banheiros? Niquelada?

Diante desse interesse João começou a imaginar haver surgido outra mulher de dentro de sua Luzia, dona que sabia entender de coisas boas, viver a vida qual gente importante.

Perplexo, nesse dia, ele ouviu-a indagar:

– Sala de som, vai ter?

Não, não podia responder. Não era assunto para seu conhecimento... Nem percebeu que estirava conversa, dis-

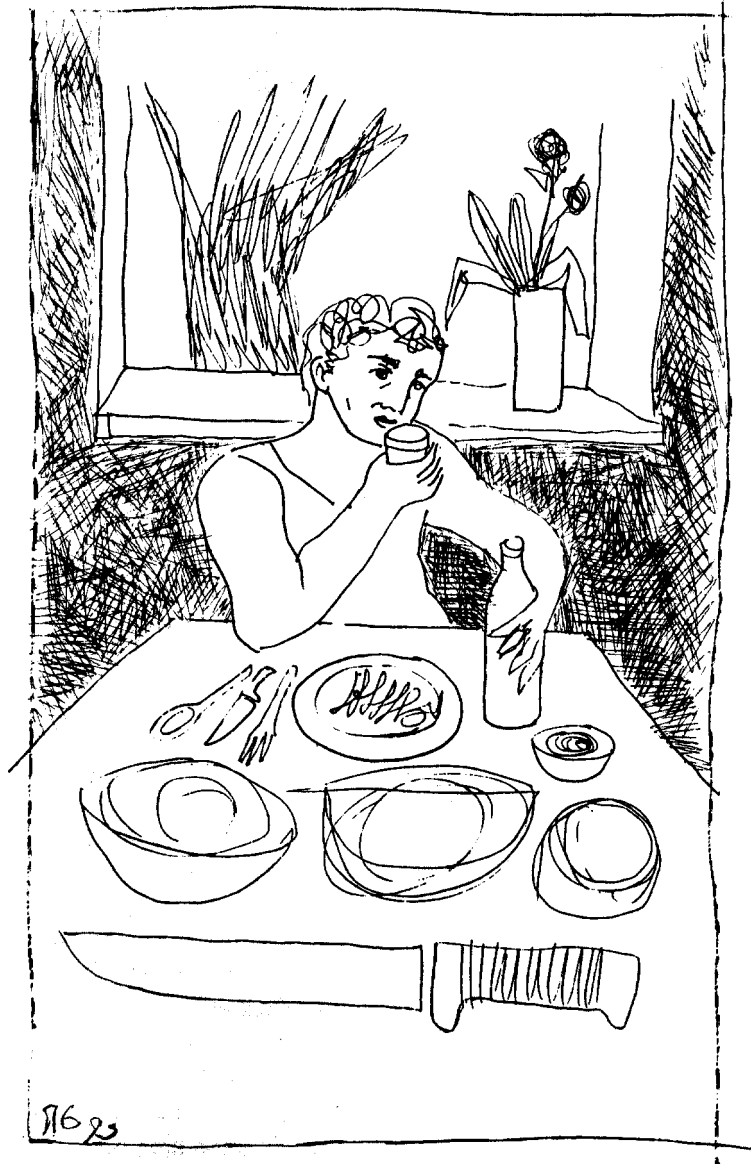
farçando sua ignorância no assunto, muito surpreso e convencido de falar a outra pessoa, a mulher de quem, a modo inesperado, começava a se considerar cativo. Fascinava o tom da voz dela, a autoridade das perguntas, a maneira de conduzir-se...

De repente, descobriu-se gostando, mas gostando muito dessa imprevisível criatura que ele desconhecia, querendo que sua pobre Luzia fosse tal e qual: banqueira, sabidona, exigente e entendida nas coisas de dar grandeza a rico.

Foi quando a **outra**, sem dar a menor razão, tornou novamente a ser a esposa caladona, submissa e silenciosa, olhando para longe quando tudo havia para ver perto.

Rompimento definitivo





NÃO pretendia brigar. Tinha por idéia separar-se amistosamente, depois de botar as cartas na mesa, isto é, conversar bastante. Por detestar explicações sentimentais queria resguardar-se de possíveis emoções. Afinal se não se entendiam mais, convivendo em casa apenas para fingir uma união que não existia, havia razão para adiar o desfecho? Não era o primeiro matrimônio a se truncar...

Antecipando os procedimentos da separação, àquela manhã, Quinzão desfazia-se de certos compromissos assumidos anteriormente. Não ia partir dali, viajar para longe, deixando pendências desagradáveis, pois tinha nome para ser referido com respeito.

Por isso agora, diante da casa de Simão Batista, ia desincumbir-se do débito assumido pela mulher.

Ante a fisionomia cordial do amigo que não o esperava, remetia o pensamento ao passado, lembrado da festa promovida peia esposa e para a qual, por indicação do colunista social da cidade, havia convidado número exagerado de conhecidos... e estranhos. Fora divertimento desastroso, sem dúvida um modo leviano de jogar dinheiro pela porta da rua...

- Suba os degraus, homem! Venha pra cá. - convidou o outro.

Aproximou-se da cadeira, que lhe foi estendida com amabilidade. Tinha pressa – ia dizendo, pois desejava entrar o mês, livre do pesadelo de obrigações não resgatadas.

– Seja então como quer. Assim se considere quitado. Para celebrar, toma uma cerveja comigo?

– E grande a tentação mas agradeço. Se houver jurros, acrescente...

Foi interrompido:

– Deixe pra lá, homem de Deus! Melhor sentar e beber na calma a meota. Pode ficar, me fazer companhia na galinha a cabidela...

– Não leve a mal, mas tenho de ir.

– Está correndo de quê? – indagou Intimo, perscrutando-lhe as idéias. – Desculpe a curiosidade, será que você andou brigando com a comadre?

– Conto mais tarde. Depois.

Partiu. Foi pagar outra conta adiante, ainda em decorrência da maldita festa... E a tanto sentindo-se mais indignado, como se tudo estivesse ocorrendo nesse exato momento...

A esposa do credor recebeu-o à porta, surpresa:

– O senhor por aqui?!

– Como vou viajar, achei por bem acertar velha dívida com o Martins.

– Ele foi até a cidade, a negócio. Talvez demore.

– Lamento, mas se a senhora não levar a mal posso deixar o dinheiro. A imaginar essa possibilidade, escrevi um bilhete explicando a antecipação do pagamento.

Entregou-lhe o pacote de cédulas, volume grande, e talvez por isso necessário explicar.

– Me desculpe. Sei que é incômodo. Quanto ao dinheiro, não encontrei cédulas de maior valor...

– Sim, senhor. Quer entrar para esperar meu marido?

- Muito obrigado, tenho de ir andando... Tirei o dia, hoje, para encerrar uns compromissos. Falo com ele nou- tro dia.

Estugou a alimária, sentindo que o tempo se lhe es- capava, corria.

Naquela marcha - considerou para si mesmo - ia até tarde... Que horas davam? Aquele sol forte lembrava andar o mundo por volta do meio-dia... E dizer que fizera tudo para desocupar-se antes das onze... Não pretendia chegar em casa em hora de ver a mulher sentada à mesa... Não, não aceitava mais! Decidira encerrar esse doloroso capítulo de sua existência.

Recordou o plano preparado, minucioso, para desfazer o casamento de vinte e oito anos. Vinte e oito ou trinta? E importava o tempo, se nada dera certo? Desatavam-se, cada um para o seu lado, sem filhos a lamentar...

Decorara frases de efeito para recitar na frente da esposa:

“Estamos nos separando sem falsidade.” - “Nossos gênios, afinal de contas, nunca combinaram...” - “Daqui por diante vamos ser donos de nossas vidas...”

Diante da casa apeou-se da alimária cansada, sentia o sol abrasar. A enxugar o suor, porejando na testa abafa- da pelo chapéu, caminhou nervoso. Olhava e via os ani- mais pachorrentos espreguiçando sob as árvores, onde ainda resistiam uns fiapos de verde numas plantas esmorecentes...

Empurrou a porta se fazendo firme e desejoso em desempenhar o papel de homem resoluto, durão.

- Matilde? - chamou.

Alcançou o quarto que partilhavam. Ninguém ali. Desceu ao pátio. A empregada apareceu com a informa- ção: a patroa estava na sala de refeições...

Ele então não se conteve:

- Nem esperou por mim?!

- Esperou! Mas quando o senhor apontou na estrada, me fez correr. “O dono da casa vem chegando e hoje é domingo...”

- Aí eu vi que ela estava coberta de razão. Mesmo, o senhor aprecia desse modo, comer cedo e depois dormir no alpendre.

Ele calou-se. “Sim, sim, era aquilo...” Percorreu o corredor até parar na sala de jantar. Pelos janelões praticamente escancarados penetrava a atmosfera aliviada do calor e impregnada do cheiro de flores ainda vicejantes no jardim.

Fizera tudo para não encontrar a mulher, e o contrário sucedia. Ainda lhe veio o pensamento de sugerir fossem ambos conversar no quarto, longe do testemunho de empregados...

- Matilde, eu...

Soou-lhe a voz qual de outra pessoa, assim distante e sem vontade, enquanto a da mulher parecia vibrar no ambiente, convidativa:

- Venha me fazer companhia.

Aceitou, tentando disfarçar o constrangimento.

Ao tomar a faca de trinchar, sentiu-se estovado e ao mesmo tempo inseguro.

Da mesa subiu o cheiro de condimentos mesclados; odor saboroso de refeição bem preparada e apetecente.

Entreviu o lombinho todo dourado, recém-saído do forno, como convinha.

- Posso fazer seu prato, Joaquim?

- Hem?

- O prato. - tornou ela.

Ele ainda relutou mas aquiesceu.

Viu-a mexer-se senhora de si, e ir trincar a carne, fatia empós fatia, com elegância e segurança, que lhe faltavam. Com gestos outros muito educados, recolheu a farofa, o arroz, sem deixar de pescar rodelas – duas ou três – de batatas, recendendo a tempero.

– Ponho mais?

– Aceito.

– Está como você aprecia?

– Sim, sim...

A copeira logo acudiu a cerveja gelada, anunciando:

– Está bem no ponto!

Ele, que se pretendia distante, alheado dela e do mais, de repente passou a ouvir mais nítidos do que nunca os sons domésticos: os tocados por talheres, chaleira chian-do a todo vapor para o café; água caindo na pia, peças de metal se tocando; o crepitar do fogo...

A um só tempo como sempre acontecia por esses momentos, os canários começaram a cantar no alpendre.

Ele atacou o lombinho em primeiro lugar, ávido. Depois, com apetite, passou ao frango. Pediu a segunda garrafa de cerveja, a recomendar não a trouxessem menos gelada.

A um instante levantou os olhos para a esposa, talvez com a intenção de aproveitar a oportunidade de desabafar. Era fácil! – imaginou. Bastava cruzar o talher, principiar a dizer-lhe que estavam fazendo juntos a última refeição...

Mas aceitou outra porção de lombo. Repetiu o frango; encorajou-se a experimentar a asinha meio tostada que acabava de chegar à mesa, previsivelmente tentadora e quente. Sem perceber serviu-se da terceira meota, considerando de melhor conveniência adiar a despedida brutal – como entendia – para mais tarde, talvez à noite...

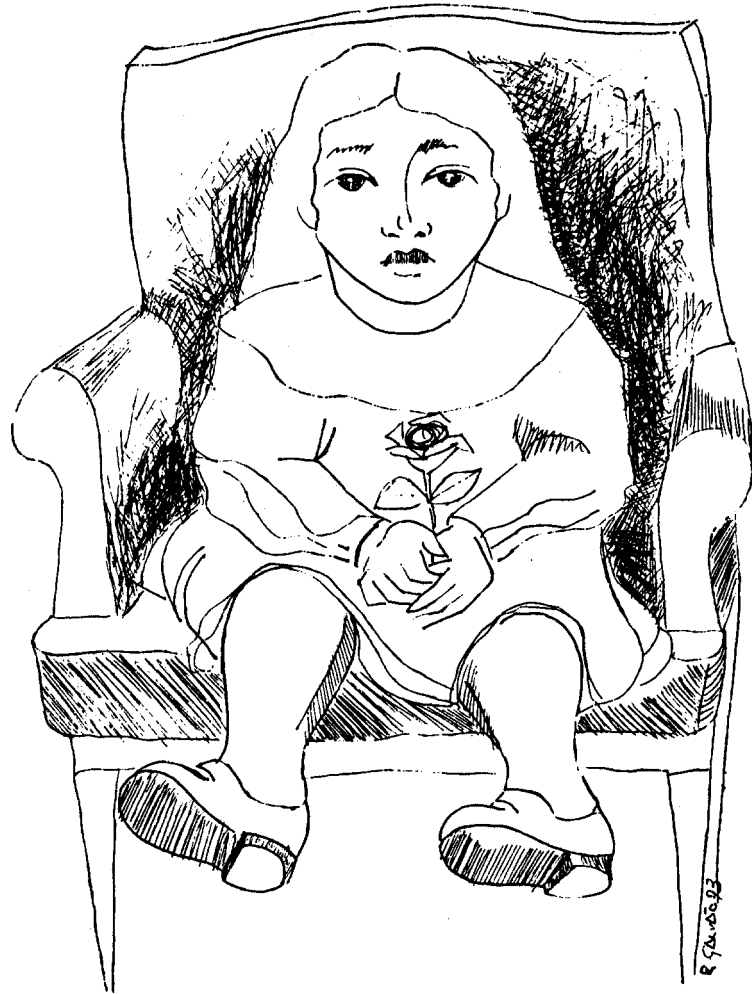
Era isso...

Não devia separar-se com cena vivida à mesa na hora do almoço dominical, principalmente em dia de tanta luminosidade e vida, de lombinho gostoso e cerveja descendo bem!

Ah... - pensou amolentado. Se ao menos os canários não estivessem cantando!

# A testemunha





R. 1908.0.23

A FLOR no cabelo como sinal de identidade dela, visível de longe qual borboleta vermelha. Desse modo apareceu na rua, andando sobre passinhos miúdos, indiferente ao gracejo de quem se postava pelas calçadas. Estava voluntariosa, a cabeça erguida, a balançar os quadris um tanto enxundiosos; e parou diante das vitrinas iluminadas a fingir interesse pelos manequins. De momento a momento virava-se toda coquete, a acenar para Alfredo.

Depois, sumiu. Foi quando o telefone do escritório chamou:

- Eu, tua gatinha. Miau!

Estava apressada - explicou. Não podia ser de outro modo, o passeio todo tomado de desocupados, a macharia assanhada por vê-la desfilar...

- Te conheci pela rosa.

- Posso demorar não, meu lindo! O telefone público. Atrás de mim tem uma multidão chata querendo falar. Tudo certo?

Amanhã seria melhor, tornou o outro, a explicar que havia programado ir com os amigos a uma cervejada... De jeito que queria, para o outro dia ficava mais legal...

Deram por acertado o encontro. Ela aguardar-lo-ia na avenidinha, fingindo esperar o ônibus.

- Vou de róseo, minha cor de sorte na força do cio.  
- Como te chamam?  
- Luizinha. Lu. - Recomendou em tom de conspiração. - Fala baixo, coisa, podem ouvir... Meu cara é metido a estrompado e morre de ciúmes por mim. Tchau! Vou me mandar.

Deu-lhe um beijo pelo aparelho, estalado, e desligou. Ele não teve tempo de acrescentar mais nada, ainda a desejos de propor pontualidade e charme. Em verdade não queria que os amigos o vissem em aventura amorosa...

Conforme aprazado, ao dia seguinte encontraram-se.

De róseo ela estava, o vestido esvoaçante, a saia larga e frouxa; no cabelo a flor, talvez a mesma rosa do dia anterior.

Ele estacionou o carro, indagando:

- Vai pro centro da cidade?

- Estou na intenção.

- Posso levá-la, se aceita.

Ao entrar, ela inundou o veículo de perfume.

Adiante, Alfredo não pôde conter o susto ao dar de cara com a menina que também tomara o carro.

Espere, de onde veio essa criança?

- E minha filha, bobinho! Foi o jeito trazê-la. De outra forma sua gatinha teria de ficar no borralho, e amor que é bom, babau!

- Sim. E agora?

- A gente se arruma. A vida ensina, meu lindo!

Ele não escondeu o aborrecimento experimentado, mas ponderou: iam demorar na casa de recurso, suspeitável. Podia de repente pintar o comissário de menores.

- Pensei nisso também. Mas podia deixar de vir?

Na frente da casa, arredada do alinhamento da rua, parecia tudo quietado aquela hora. Ele procurou estacio-

nar o carro o mais escondido possível, e já abrindo a porta, queria pressa:

- Vamos, vamos!

No interior do prédio, em sala solitária, a se abancarem à mesa de tampo encervejado, a menina de olhar cândido indagou:

- Mãe, cadê a doentinha que tu veio ver?

- Psiu! Está no quarto.

- Queria ver ela.

- Pode não! Você fica dodói. - Mais persuasiva: você me prometeu ficar bem quietinha... Assim...

- A senhora demora muito?

- Uns quinze minutos. É visita de doente. Enquanto entro com o doutor, fique se distraíndo.

A criança debruçou-se sobre a revista que recebera, curiosa em ver as figuras. Como se vivesse drama bem ensaiado, a mulher propôs:

- Doutor, vamos cuidar de nossa "doente".

Seguiram ambos para o quarto ao fundo da casa. Por precaução ele fechou a porta, passando duas voltas na chave.

- Pra que isso? - admirou-se a mulher.

- Sei lá!... Depois a menina pode vir olhar...

- Não seja tolo!

- Sempre fui muito desconfiado. É minha natureza. De repente ela se enfada da revista e quer espiar a gente.

- Mas que bobagem!

Disse e se foi despindo a vagar, a exigir atenções para o corpo que, vaidosa, exibia: "Não tem quem diga a minha idade. Uns me dão trinta e cinco, e não passei dos trinta... Outra coisa: "nem toda mulher é boazuda assim, né? Enxuta!" Pós a flor -vermelhíssima papoula - em cima da cadeira, e foi soltando os cabelos como ensinam as anunciadoras de televisão, mexendo a cabeça repetidas vezes.

Notando o parceiro expectante, pouco entusiasmado em participar, indagou:

- Está pensando em quê?
- Na menina... De repente ela pode entrar...
- Só se derrubar a porta.
- Tudo pode acontecer.

- Mas não acontece não. - E alteando a voz na direção da sala. - Queridinha, fique aí quieta, nós não vamos demorar. Me despacho depois da injeção.

Riu baixo gostosamente, a descobrir a conotação obscena da frase. Encorajava o outro: - Vem, macho, vem logo me aplicar a injeção!

Mas o homem, de modo relutante, ia despindo a camisa. E infelizmente não podia deixar de pensar na menina...

Notando-lhe o esmorecimento, os gestos arrastados e indesejados, ela tornou a insistir:

- Tolinho, não perca o entusiasmo por tão pouco! A menina é muito comportada. Não deixará a sala de modo algum.

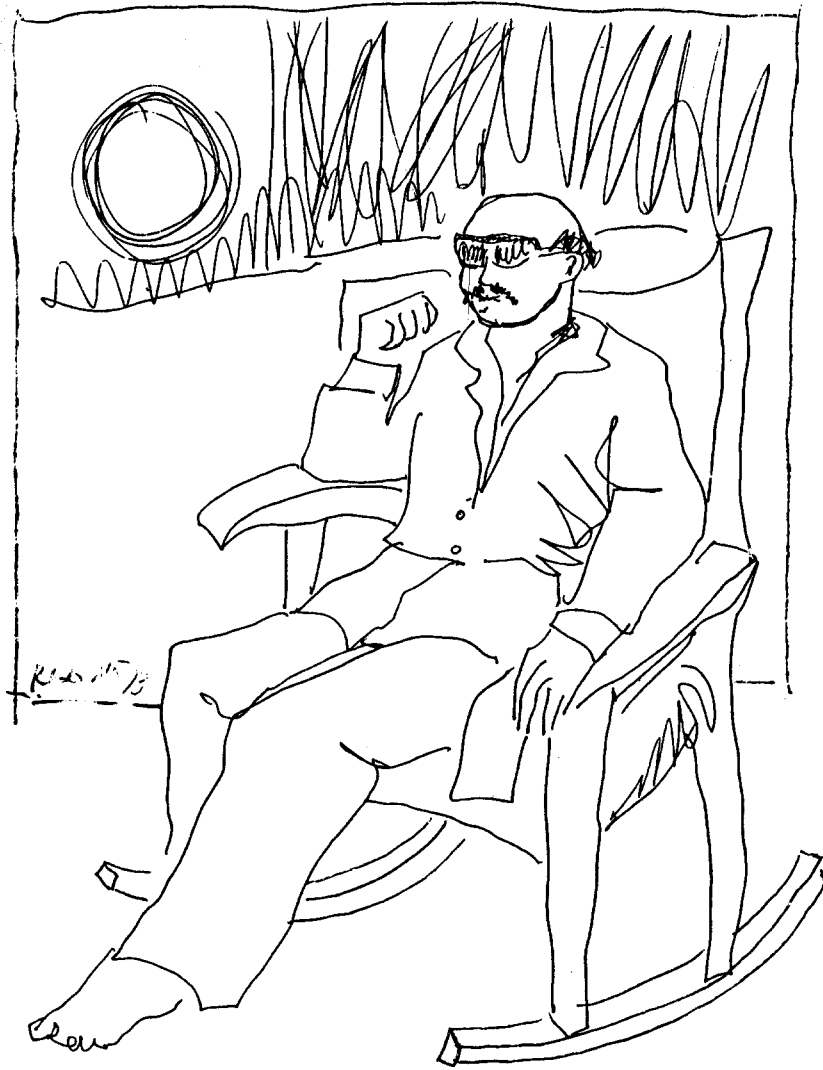
Impassível continuou o homem, profundamente chocado à visão daquela figura despida e madraça sobre a cama de casal, os braços estendido em sua direção.

- Vem, lindo, vem! Mata logo a minha fome! Ele tentou ainda se animar; não conseguiu.

Sentada na cadeira, esmagando a papoula vermelha, estava a menina.

E não era a revista que ela olhava e via.

# O conto de Catão



DEPOIS do jantar, sentado no alpendre, Catão demorava na cadeira de vime a se embalar vagaroso, experimentando um quer que fosse de tedioso, certo de não mais ser a mesma criatura de antes, a ff e vir como desejava. Havia de ater-se àquela cadeira agora, confinado em casa, a esperar. E o que estaria aguardando? O que podia lhe oferecer a vida, a existência, depois de tantos anos vividos?

A esses momentos de desmerecimentos, espécie de derruimento físico, animavam-no apenas as mutações da natureza, e a tanto considerava-se feliz por poder desfrutar a vida ali representada pela vegetação reverdecida e que acabara de se refazer depois de um longo e áspero verão.

- Ah se o mesmo acontecesse ao homem! - pensava.

Entrava o mês de outubro, sacudido de ventos, circunstância a apressar o desfalecimento da paisagem, tornando as decíduas desprovidas de folhas, minguentes. Mas desse modo ele entendia: só aparentemente morriam. Logo estariam revigoradas, ressurectas.

“Por que o mesmo não podia acontecer ao homem? a ele?”

Catão, a esse raciocínio, via-se inconsolado. A natureza era sábia em se prouver para sobreviver, e, não obstante claudicar, tinha a ventura de se eternizar, repetindo-se.



Dina, a esposa, repassava impressões sobre o desassossego do marido ao *filho*, este ali mais freqüente em visita ao casal e insatisfeito por vê-los morando naquele fim do mundo, na “roça”, como repisava.

– Teu pai agora só tem uma preocupação, esperar o inverno, a estação das águas. Para ele é hora de magia, algo que o empolga e o deixa contentado... O médico segredou-me outro dia ser muito conveniente fazer-lhe essa vontade. Se na verdade aprecia a natureza, que possa viver-lhe as emoções.

– Você e papai viveriam melhor na capital, morando em apartamento.

– Não creio. A morte se abateria sobre ele com mais pressa, creia-me. Aqui pelo menos está bem; é como se fosse extensão da própria natureza...

Com os anos, residindo na fazenda ela perdeu também o hábito de “estar” em meio civilizado, admitindo-se por igual sucumbida (ou escrava) no convívio daquele casarão rural que, em fase mais próspera, fora construído – segundo afiançava Catão – em sua homenagem.

Findava o ano.

Como acontecia todas as manhãs, Catão vinha para o alpendre da casa, mastigando o sabor amargo do café, outra imposição ditatorial do médico, prelúdio de obediência a cumprimento de metuculoso receituário exercitado com rigor. A tanto se considerava em dolorosa sensação de esmorecimento físico, só amenizado pela solidariedade das coisas que o cercavam, a começar do odor penetrante dos jasmínzeiros plantados perto.

E sabido não querer ficar só.

Por isso mandava levar recados a Sabino para vir vê-lo, pretendendo detalhes das alterações meteorológicas, se trans-

correriam chuvas proximamente ou se a quadra avizinhante dar-se-ia, infelizmente, marcada pela ausência d'água.

O amigo, atendendo ao convite, sentava a seu lado. Muito à vontade, a pele de fumo na boca minguada de dentes, a mastigar palavras (e pensamentos), particularidade que desagradava a dona da casa.

“Catão, você podia ao menos arranjar, pra conversar, um entendido de chuva, asseado. Que criatura nojenta!”

E Sabino, alheio a má impressão despertada, consumia os minutos da visita bastante cioso de sua importância, observando:

– Não chove logo. Note o senhor (dizia “senhó”), o vento anda correndo muito solto. Enquanto estiver desse modo é mal sinal. Acredito em inverno, quando sopra menos e a noite esquentada.

– E fazendo frio de manhãzinha?

– Não digo “fazendo frio”, esfriando. É por igual um bom sinal. D. Dina tem observado alguma diferença em seu reumatismo?

A dona da casa, recolhendo as xícaras do café, impaciente por ver o outro subtraindo invisíveis gotas da louça exígua, não disfarçava o aborrecimento:

– Tenho dormido muito bem, sim, senhor.

E ele em sua indiferença habitual, desatento ao aze-dume dela:

– Mas em janeiro chove. Pode prestar atenção.

Depois de alguns dias vinha visitá-lo Climério, outro decifrador de mistérios do tempo, muito entendido em coisas da natureza e bastante cauteloso em arriscar prognósticos sobre a mutação do clima.

Horas a fio se contestavam quanto a possível significado desse ou daquele aviso, analisando a vagar o que

pareciam dizer as folhas caindo, uns galhos estalando, repentino aparecimento de alguma flor fora da estação...

Quando o amigo partia, Catão assuntava a natureza, à idéia de que não demoraria chover. E mais uma vez torcia para tudo dar certo outra vez. Já agora, a significar a quadra de chuvas, a do chamado inverno, como bom augúrio para sua existência cada vez menos presa à terra...

Se aquífero o ano, as nuvens desatadas logo à primeira semana, ele exultava. De se notar a modificação; algo expandia-se dentro dele, e lá fora, por onde começava a andar, colhia emoções que lhe alegravam os sentimentos. Por isso a determinação de na casa ser o primeiro a acordar e ir para a varanda, querendo ouvir a passarela despertada a uns cedros que se enfolhavam perto. A empregada logo acudia o café – que deveria ser servido sem açúcar, e mais a porção d'água para a ingestão de comprimidos.

Na varanda dava curso a interpretação da natureza já então reflorescida pelas chuvas, sentindo que a vida, a palpitar naquelas plantinhas inominadas, era a dádiva que faltava ao homem... Ah, se as criaturas pudessem ser como as árvores...

Ao filho, que lhe viera visitar, Catão conformou a impressão de que estava superando a enfermidade. Parecia mais esperto, um tanto agitado e bem disposto.

À mesa, na informalidade das refeições, nos raros domingos em que a família se reunia por então, a voz do dono da casa soava firme dominando a descrição dos encharcados e cheias de rios, a referir detalhes impresentidos pelos outros.

Mas os verdes, acontecia anualmente, passavam. A expirar junho a natureza naufragava outra vez cambalida pelo sol enforalhante, perdendo todo o viço antes desfrutado.

Catão entristecia, certo de ir diminuindo em seu interior o entusiasmo pela vitória; o corpo ia se abatendo, enquanto lhe minguavam as forças. Era também uma árvore, mas não daquelas que se despojam das flores e folhas, para reverdecer...

O mês de janeiro, quando despontou, veio abrasivo. Seguiram-se-lhe uns dias ensolarados e a tanto o mato crestou, as águas sumiram...

Obstinado, Catão não se queria submeter ao destino.

Persistia acreditando, indócil, que o tempo das chuvas fartas e generosas enverdecendo tudo, haveria de chegar novamente para a natureza e ele.

Mas entrou fevereiro inteiramente desprovido d'água. Não tardou sobrevir março, também exausto de precipitações.

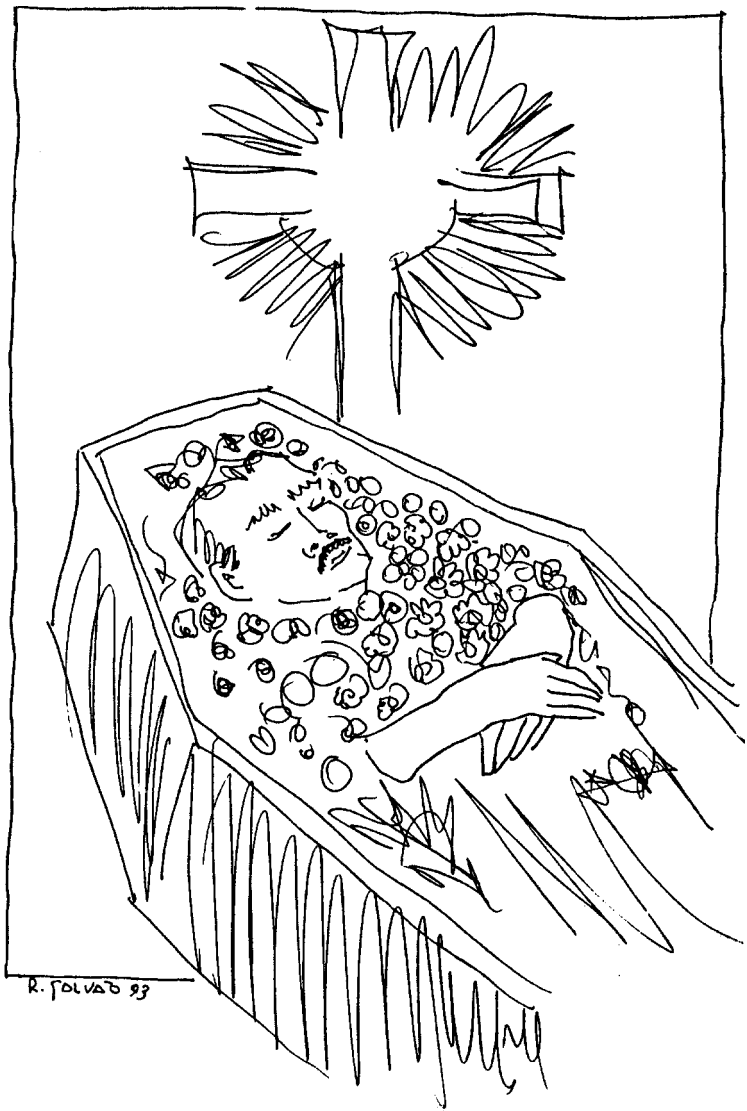
Tempo áspero, hispidado, irrespirável.

E só por muito diante, ao outro ano, choveu copiosamente.

Na conversa dos que apreciam lembrar as criaturas boas do mundo ficou a história do homem que, àquele ano, desafortunadamente, não pôde mais rejuvenescer qual a natureza molhada pelas chuvas.

O conto de Catão.

Louvação em velório



A VIUVA não precisava mais contar a morte de Sebastião Ferrão. Quem se fazia presente ao velório tinha como dizer, melhor do que ela, o desenlace do obstinado ferreiro, agarrado à vida de dissipações, alheio a conselhos da família e dos amigos.

Constrangia-se à idéia dos dias que estavam para vir, a começar daquela hora triste e vazia na qual se contavam uns poucos primos e raros conhecidos do falecido. Tudo estava a indicar a transcorrência da noite-de-sentinela, insípida, nada parecida com a de guarda a Chico Doido, principalmente pelo comparecimento de Damião, inspirado conversador dessa ocasião.

Vitória, sentada na espreguiçadeira antiga (em que o finado costumava curtir as carraspanas iniciadas aos sábados e encompradas até o amanhecer das segundas-feiras), em seus silêncios avaliava a pobreza de seu homem, fruto de total desinteresse às oportunidades da vida. Ferrão, como se dava agora, só legara fatos desagradáveis, anedotas vulgares das bebedeiras desastradas e inconseqüentes arruaças.

- Capaz do Damião não comparecer.

Àquele nome, mencionado com orgulho, tornaram-se todos atentos. A própria viuva mexeu-se na cadeira,

desejosa de não se ver frustrada. A ela – ia pensando – o amigo não devia faltar.

– Bom, muito bom, se viesse... – Comentou alguém em tom de voz suficiente para ser ouvido por quem, adiante, cuidava do mesmo assunto em volta de inesperada bandeja de café, então servido.

– A noite teria uma prosa das boas! A toda certeza!

Com Damião – começou um cidadão entrado em anos – a madrugada não seria insípida. Participara antes de outros velórios em que ele havia sido todo sabença, a narrar casos e mais casos divertidos. Ninguém se lhe podia comparar em repetir o anedotário irreverente para identificar os mortos.

O irmão de Vitória, acendendo o cigarro, foi até à porta da rua verificar se não vinha alguém se aproximando, ou saindo da escuridão da rua. Nem alma, apenas um cão magricela a se espertar pela reza vozeada.

Desconhecido, recém-chegado, queria detalhes:

– Foi de briga ou desenlace?

– Bebida mesmo! Andavam muito fraco, sem agüentar a teima da cachaça... Apagou-se sentado na cadeira.

– Não lhe deram um cafezinho amargo?

– A morte quando vem, não espera. Da tremedeira que deu lá nele, virou defunto.

– Pensei em facada ou tiro...

– Não se vê mais desses dramas por aqui. Só em televisão.

– E Damião? Vem? – queria saber.

– Quem é que diz? Anda se vendendo caro. Só dá as honras a morto de maior merecimento.

– Tão bom se viesse! Alegrava muito.

Eusébio, Acrísio e Dedé deram entrada na casa. Foram diretos ao pé do caixão de terceira que o Movimento Social da Prefeitura diligenciara a instâncias de vereador



amigo. A figura miúda do extinto emergia como descolada do espaço excessivo da urna funerária, maior que o tamanho do corpo sem vida, consumido pelo álcool. Dos chineses japoneses, ou talvez dos próprios pés, exalava odor de evidente desmazelo.

- Não mudou nada... - Comentaram.

- Só fez chorar.

- E amareleceu... Será que não é o efeito da luz?

Deram pêsames à viúva desalentada e cheia de sentimentos por ver desaparecer o marido sem deixar nada de importante para o comentário da noite de vigília.

Nisso um vulto assomou à porta. Dele a voz grossa e desabusada:

- Se não serviram bebida, chegou a hora.

A dona da casa revigorou-se àquela intervenção. Nem ao menos aguardou fosse até a ela o visitante. Acudiu a ele desenlaçando o contentamento que experimentava.

- Seu Damião!!! Pensei não merecer mais a estima!

- Podia cometer falta dessa? Meu compromisso, D. Vitória, com o Ferrão, trazia certeza. Para correr tudo bem a começar dagora, mande servir o “quente”... E se sente. Quem perde o seu ente mais querido, tem de juntar as forças até o enterro.

Fê-la arriar-se novamente na cadeira ante a curiosidade dos demais. Depois aproximou-se do esquife e contemplou o falecido, resumido a um quer que fosse de completa irresponsabilidade e ausência de pejo. A voz era pausada mas fanhosa:

- Meu camarada, você viajou mas deixou história!

Senhor da importância que sabia desfrutar, apoderou-se do primeiro tamborete disponível. E já encostado a uma parede, o cigarro esbraseado nos beiços grossos, muito à vontade, ordenou:

- Se querem me escutar tragam logo a garrafa de canal!  
Respeitoso, à dona da casa:

- Com a devida permissão, passo a contar o caso como verdadeiramente sucedeu. Havia no bar, freqüentado pela turma, uma criaturinha nova e rechonchuda, o traseiro arredondado, "chama" para os mais audaciosos. Quem passava perto da moça tacava o beliscão pegasse onde pegasse! Um dia Ferrão considerou aquilo canalhice, coisa que não se devia fazer a uma criatura que suava para ganhar a vida honestamente. E fez o que devia. Largou-se de onde estava do canto do balcão...

Damião fez pausa e tomou dois goles da bebida. Depois de atirar a cuspidela longe, disse:

- Agarrou o bruto como quem segura frango na cozinha, pra matar, zás, zás! Lhe deu duas bofetadas seguras, dessas que estalam doendo. Plá! Plá!

Outra pausa, e, cerimonioso, tornou a falar consultando a viúva:

- Algum desaforo pedir tira-gosto?
- Se serve queijo de coalho, é pra já.
- Nada melhor!

Atacou pormenorizando o incidente, naturalmente inventado, a arrematar a informação de quem, de modo maldoso, considerasse o ferreiro enciumado...

- Deveras? Admirou-se alguém.

- Tudo invencionice dos sacanas! D. Vitória podia esperar do marido que chegasse de madrugada, fora de hora..., mas de forma alguma a trocasse por outra. Pela fidelidade tantas e tantas vezes louvada, ela curte hoje a saudade do finado.

À viúva:

- Apesar de tudo, dos excessos da cachaça, lhe tratava bem, não era?

- Nunca tive nada a reclamar dele.

- Dou meu testemunho: nem quando não se agüentava de pé.

- De pleno acordo.

- Viram? Jamais entrou em casa, empurrado por soldados ou investigador de Polícia. Vinha bêbado mas homem! Um dia tentaram metê-lo no **camburão** só por implicância, talvez maldade. Mas Ferrão bateu fume o pé, gritando: “Não, se abusa de quem tem vergonha na cara! Não sou descuidista, nem tampouco um criminoso de feira. É certo que tomo umas e outras, mas doutores e deputados também adoram uísque. Que mal faço aos outros? Sou da boa paz!”

- Como agiram os guardas? - indagou um curioso.

- De rabo entre as pernas. Por aqui! E lá se despachou o Ferrão vem que ninguém o aborrecesse mais. Livre! Todo vaidoso, direto para casa, aplaudido por todos.

- E não deixou nesse dia de trazer o pão para o jantar. - esclareceu a viúva.

- Ia esquecendo o detalhe! Veio apertando o pão, um sovado grande debaixo do braço. Chega vinha amassado! Ah, abençoado zelo de quem bebe pensando na família!

- Homem de muita responsabilidade - interferiu a viúva outra vez. - Com o lar, comigo e com os filhinho dele nunca falhou.

As atenções voltaram-se para o menino derreado no regaço da mulher, sonolento e espertado a todo instante por ela para não perder a “fala do homem”.

- Ferrão não era, reparem bem, um sujeito qualquer. Podia ter defeito mas sabia cuidar da família, honrar compromissos. Tirando o vício, era exemplar dono de casa.

Percorreu a sala outra bandeja de café e bolachinha. A primeira garrafa de aguardente consumira-se. E o quentão faltava, como rareava o tira-gosto.

- Conte mais, seu Damião, conte! Vou servir outras coisas.

- Bom, só mais uma passagem... - Fez pausa, tempo suficiente para acender o cigarro. - É delicada, toca o lado mais íntimo do homem. Vocês devem entender que nessas horas nem todas as histórias podem ser repetidas. Convém esquecer as mais discretas do herói, pois há sempre um ou outro fato merecedor de resguardo. Por isso não costumo levantar o pano e mostrar a intimidade de quem deixa este mundo. Prefiro silenciar. - Reparando o filho do morto a cabecear de sono, ajuntou. - D. Vitória não faça uma perversidade dessa! Deixe o inocente ir pra redinha dele.

- Seu Damião, queria que o menino ouvisse sua prosa! Tão bom conhecer como era o pai! Me dou então por satisfeita, agradecida mesmo. - A criança, ainda atarantada. - Vá, meu filho, vá. Ouviu direitinho o procedimento de seu pai?

- Vi, mãe.

- Pois é! Apesar de tudo, das aflições que passei, o teu pai E nunca deixou de trazer o pão do jantar.

Enxugava lágrimas não reprimidas.

- Vá, meu anjinho. Vá pra rede. Lhe acordo na hora do enterro.

Duas horas adiante não havia mais bebida. Consultando o relógio de pulso, depois de limpar os beiços em que se grudavam uns restos de queijo, Damião se preparou para partir. Tinha negócios no dia já aparecendo...

Os admiradores, que o cercavam, insistiam em saber outros detalhes do "lado íntimo" do ferreiro, ignorados pela maioria. Mas alheio a tudo o animador de velórios encaminhou-se à porta, com a viúva a lhe seguir de perto, pondo-lhe nas mãos, de modo bastante discreto, os "trocados" do transporte...

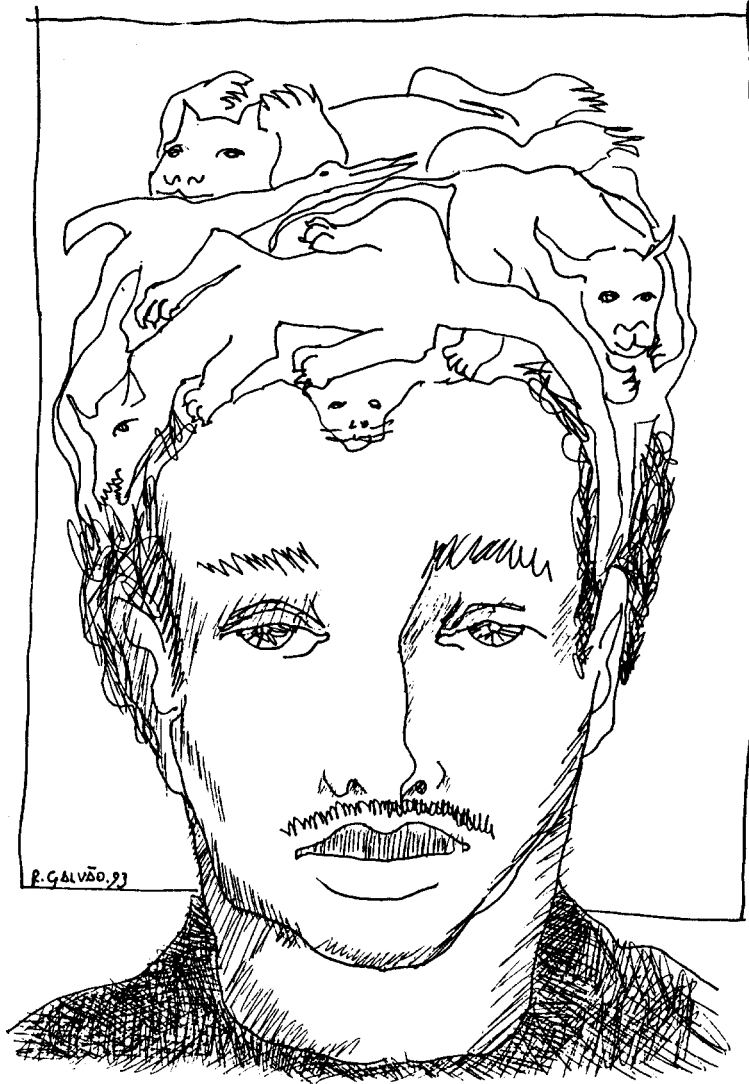
Às despedidas, o homem proclamou:

- Não deixem de lembrar as boas ações do Ferrão!

A mulher retomou seu lugar, a cabeça erguida, pisando for-te. Antes de acomodar-se na espreguiçadeira, solene foi ordenar que recolocassem a tampa do caixão o mais breve possível, como se dissesse: “Vamos, apressem! Fechem isso de uma vez para sempre!”

O bêbado irresponsável, poltrão, não existia mais para ela.

O marido de Sinhá



DE TANTO beber acabara em situação deplorável. Anos atrás, bem penteado, admiravam-no as moças do bairro (“teu marido é um pão!”). Na verdade tivera tudo para subir na vida, impor-se ao respeito dos companheiros de trabalho, mas dera na amarga vida que cumpria agora, evitado por amigos, e até pelos parentes mais íntimos.

Encostado ao balcão do bar, que freqüentava, não sabia parar de beber. E fora do normal tornava-se bastante inconveniente, a se agarrar às pessoas, babento, com tapinhas que irritavam até mesmo os mais tolerantes.

Tornando-se insuportável, punham-no a caminho de casa. Triste, muito triste, ver-se-lhe a feição alterada pelo vício desafiador, percorrendo a rua aos tropeços até ser amparado por Sinhá, pobre infeliz – como se dizia –, a sofrer o que jamais esperara, não obstante às advertências da mãe.

Doía hoje relembrar. Na realidade não era para cortar o resfriado impertinente, que o namorado vivia sempre interessado em tomar bebida quente. Desde então, a preferência por conhaque, cujo odor característico e forte sabia disfarçar com o perfume de pastilha hortelã-pimenta.

Doloroso suportar-lhe os excessos, a mania de demorar na calçada à tarde, blusa aberta no peito, a dar adeus



a quem passava; ou a consentir a conversa frívola das domésticas, confidentes dos porres que tomava, e ali contados para o conhecimentos de todos.

Exaltado, proclamava:

- Nunca deixo de andar *firme!* Sou seguro!

Sinhá estomagava-se:

- Não é papel de chefe de

- Deixe pra lá!

- Que vão comentar os vizinhos?

- Fique boazinha, meu bem!

Havia momentos já raros em que o homem lhe dava palmadinhas e carregava-a para a cama, sem respeitar a hora, manhã ou tarde, a exagerar sentimentos: “Depressa, queridinha, que estou de fogo!” E Sinhá desesperada, infeliz, amargurando-se ainda mais a sentir-lhe o hálito avinhado, desaçamado.

- Doido! – gritava-lhe. – A empregada é capaz de ver a gente numa presepada dessa!

Ninguém queria mais se alugar aos dois para serviços domésticos. Primeiro perderam a cozinheira. Foi-se depois a copeira. As moças não entendiam o domingo de Fabrício, a mesa do almoço servida por volta das quatro...

- Fabrício, toma juízo.

Não tomava. Cada vez mais vencido e trêmulo a entornar o café na toalha, a virar o açucareiro, a quebrar pires...

Por incomodar os outros, funcionários na repartição, afastaram-no do emprego, em definitivo. O chefe escreveu a lápis na ficha de informação: “irrecuperável”.

D. Sinhá, sem que ele pressentisse, intentou de todas as formas livrá-lo da decadência. Mandou flores a Iemanjá, enfrentou ~ escuros da travessas perigosas e as piadas obscenas, para fazer oração com o poder de afastar o seu homem do terrível vício.

Baldados esses e outros cuidados. Nada serviu ao longo do tempo para alterar o comportamento de Fabrício que, instado a beber cerveja e não conhaque, ria-se gozador, improvisando piadas, antes de se tornar rebelde e obstinado a só fazer o que queria.

- Sou lá de tomar bebida que faz homem correr pro mictório! - dizia.

Para o médico da Previdência, a situação daquele alcoólico agravara-se demais.

- Mais conveniente, nesse caso, a senhora levá-lo a um psiquiatra.

Sinhá reagiu:

- Mas ele não é doido!

- Siga meu conselho, por favor. Ele precisa de tratamento especializado e internamento imediato. Se teimar vai piorar.

- Não, isso nunca!

Não tardou a noite em que o homem acordou em grito, apavorado. Suas expressões, entre o sonho e o desespero, alarmaram Sinhá:

- E uma aranha, e quer me pegar! Vai me apertar, vai me comer!

Outros sonhos, pesadelos e alucinações. Ora caía em precipício ou nas chamas de fogueira; ou desaparecia nas ondas do mar, afogado.

A mulher não cessava de pelejar, disposta a arrebatá-lo o marido a tamanho drama. E a pouco e pouco, sem perceber, foi-se envolvendo com toda sorte de pessoas, alguns aproveitadores de sua vulnerada economia. E nada deu certo.

- Faz bem comer fígado de urubu. Corta o vício.

- Raspa de chifre é santo remédio. - recomendavam.

A situação não mudou. Logo cedo, pela manhã, Fabrício queria que lhe dessem a garrafa da bebida. Satisfeito, com o copo na mão, parecia recriminar-se:

– Ah, meu Deus, só melhoro com a primeira dose! Se não bebo, fico tremendo sem parar. Por que faço isso? Por que?

Dia veio em que não pôde mais sair do quarto. Magro, anguloso, dava para assustar. Sem ânimo – chegou a confessar várias vezes –, vivia agora da rede para o urinol. Neste, demorando de propósito e por fraqueza, fumava sem cessar.

Havia-se-lhe perdido o pundonor. Já não podia avaliar o sacrifício da esposa, duas, três ou mais vezes por dia indo ao quarto tirar o vaso de excretos, a disfarçar com eucalipto queimado o odor de amoníaco da urina respingada.

Nesse ponto fosse as últimas economias da família, a correr comprometido o otimismo que animava Sinhá, naturalmente esforçada, a fazer tudo que podia para não ver agravada a situação de Fabrício.

Voltou a aplicar injeções de porta em porta. Do ganho escasso conseguia amealhar pequena parcela para enfrentar as despesas de farmácia... E tinha vergonha de confessar; separava uns tantos trocados para o suprimento de bebida...

De noite, em instantes de desânimo, vendo o marido preso de agitações nervosas, rezava para não se entregar ao desespero, não correr para a rua, como as amigas sugeriam, e ver novas pessoas, viver um pouco a vida...

Ah, ela não podia, não criava ânimo para desertar de suas obrigações.

Mas em rigor até que nessas horas vinha-lhe a vontade marota de ir às compras, andar pela cidade a ver vi-

trines; e em algum lugar demorar um pouco, tomar sorvete ou conferir o anúncio de filmes...

Já não acompanhava mais o enredo da novela das oito pela televisão. Podia? Considerava-se pecadora, descobrindo-se a si mesma numa ou noutra cena de alcova, a suspirar desavergonhadamente...

A tanto, disparava para o quarto, querendo sumir ou pelo menos repelir a fugidia visão de felicidade e amor.

De uma coisa estava certa: nunca mais festejaria o Dia dos Namorados.

Pelo amanhecer, todo dia, ante a dura realidade da vida, arrependia-se profundamente de suas vacilações.

Doía-se toda, como se não passasse de vil impostora.

E novamente solidaria e arrependida ia recolher, de debaixo da rede de Fabrício, o vaso fétido.

Zumira



A INFORMAÇÃO de que Zulmira regressava correu de porta em porta. No Conjunto Palmeiras lembravam todos a mocetona impulsiva, assanhada por festa fosse onde fosse, e muito “avançada” em moda enquanto viveu com eles. Fora durante anos a alegria – e também a honra – do bairro, em referir saudoso do locutor da irradiadora, que a coroara duas vezes rainha.

E se lhe conte a história como de fato aconteceu.

Chocara a mãe, pensionista do INSS, quando decidiu partir, a correr outras terras. D. Fransquinha em vão tentou demovê-la do maldito intento, enquanto apelava para a interpretação das cartas do baralho traçado e retraçado em cruz.

– Tem mistério na viagem dela? – quis saber.

A cartomante decifrara o que se escondia no valete de ouros, acrescentado ao lado do dois de paus.

– Vejo tudo bastante nebuloso – admitiu.

– Nenhuma luz?

– Talvez. Vejamos o que revela o az de ouros.

– Sinal de homem?

– Ainda não, mas parece pintando um vulto... Não posso definir agora.

Por outro lado as amigas não desejavam Zulmira ausente, fora da roda de intimidades e brincadeiras. Nem

tampouco o Padre Alberto, seu confessor desde os tempo em que, deixando de ser anjo de procissão, tornar-se princesa de quermesse.

Alheia a tudo ela mostrava-se obstinada:

– Não adianta fazer abaixo-assinado, deitar baralho ou envolver o reverendo nessa história. A vida me pertence. E meu destino. Faço o que bem entender.

E muito decidida:

– Embarco amanhã.

– Mas pra onde? Fala, diz uma coisa!

– Dou notícia.

– Ah se teu pai fosse vivo! De forma alguma essa viagem maluca acontecia.

– Acontecia.

Indiferente a rogo, a tudo, foi-se. Ligou pouco para o choro do irmão caçula, muito agarrado a ela. E com o diabo no corpo comentaram os da rua a uma só voz, – seguiu resoluta, o vestido curto, em direção a parada do ônibus interestadual.

A mãe jamais esqueceu a cena, revista sempre em sonho, ou quando, acordada, parecia ter a filha andando ao redor de si.

E o tempo passara, enquanto ela, mãe extremosa, não perdeu a esperança de rever Zulmira. Afinal o milagre ia acontecer em dia ansiosamente aguardado.

– Vem mesmo hoje?

– É meu presente de Deus!

O lacônico aviso da mensagem telegráfica, papelucho já bastante amarfanhado, contava: “Francisquinha Silveira, Conjunto Palmeiras, Fortaleza pt Estou seguindo agora vg saudade pt Zulmira.”

– Vem de quê? – queriam saber todos.

– O telegrama não esclarece.



Lembrava outro, confiante na sorte da moça:

- Deve ser de avião.

A velha duvidava, mas havia um terceiro a arriscar:

- Tudo pode acontecer. Quem sabe não se casou com algum ricoço?

- Verdade! Nunca deixou de encher a vista. Tinha umas pernas, um busto...

Na cozinha apertada mexiam-se todos aos preparativos da recepção. Em cima da mesa a bandeja de bolinhos de milho e cocada, os pratinhos de papelão descartáveis “pra não sujar a louça.”

- Só não deu tempo de preparar o aluá.

- E importa? Tendo guaraná é quanto basta!

D. Francisquinha ia e vinha em seu vestido de frequentar a igreja, tão alegre, até parecia remoçada. Agora, convocava os amigos da filha:

- Aqui pra sala de visita; vai mais fresco...

Voz curiosa cobrava novamente a leitura do telegrama. Alguém mais cauteloso apontava possível falha da mensagem: não dizia ali qual o meio de transporte utilizado.

Nisso o tempo passando. A irradiadora pela décima vez repetia os mesmos sucessos musicais. E metade das vizinhas, pretextando sono, ausenta-se. Os renitentes persistiam ainda solidários com a dona da casa.

Pela meia-noite dois ou três, que insistiam em ficar, não continham mais o sono. Em verdade não havia mais café para esperá-los.

- Não, decididamente, não vem mais hoje! – confessou a dona da casa em duro empenho de não sucumbir a merecido descanso.

Ficou só. O coração apertado, a vontade de amaldiçoar a vida, livrar-se de decepções motivadas pela filha.

Mas reagiu. Andou até a cozinha afim de se distrair. E por lá foi correndo o espanador pelos móveis, depois de cobrir demoradamente a bandeja de bolinhos e cocadas, a receio de alguma barata.

Não agüentou por muito tempo. Acabou dormindo também.

Cedo alguém estava do lado de fora batendo palmas.

Pressurosa a velha senhora viu-se mal espertada, a saltar da rede tateando os chinelos à procura da porta. Mas a chave, na fechadura, não virara direito, e ela demorou entender que a destrancava de modo errado. Na ultima tentativa a viu claramente no vão da porta dois vultos que chegavam.

Quem primeiro entrou na casa foi um garotinho visivelmente enfadado, choramingando.

A mulher, logo atrás, mal definida pela claridade escassa, acrescentava explicações:

- É meu, mamãe. O pai dele vem atrás, noutra hora.

Não custou encher a casa de convidados. Todos agora queriam ver Zulmira, saber como fizera a viagem, o que em verdade lhe acontecera ao longo da ausência.

Bem, ela ia contando, não se perdera nos tropeços da vida, pois sempre soubera usar de muita matreirice...

Interrogada por um e outro, volta e meia interrompia o relato pejado de palavras, para discorrer sobre o marido, "meu querido amparo de todas as horas", verdadeiro salvador de sua vida tão cheia de aventuras.

- "Ah, que homem! Que marido fiel! Que esposo cumpridor das obrigações!"

Tudo assim mencionado com tamanha ênfase que, a todos, pareceu o marido estar chegando logo logo, daí a instante. Se olhassem em direção à porta, poderiam vê-lo...

## Os retratos



- MOVA-SE. Ande! Faça alguma coisa - queria o médico.

Foi quando passou ele próprio a cuidar da gaiola dos passarinhos ao fundo do quintal aonde ia fazer ginástica todos os dias gritando as posições - uma, duas, três, -, e nisso observado pelos moradores do edifício ao lado, uns deseducados que lhe dirigiam indagações irreverentes.

Adiante ia dar volta ao quarteirão, a pisar forte para esquentar os músculos. Depois tomava café, via as notícias do dia e se levantava da mesa, sentindo fome. Para viver - lembrara-lhe o médico - precisava cuidar bem da "máquina". Sem coração, não se conseguia.

As vezes punha-se a imaginar a situação de aposentado, habitando uma casa que já fora mais alegre, de muitos, e por então circunscrita à existência dele e da esposa depois da evasão dos filhos - como costumava referir-, agora já casados e morando para longe, em função de emprego. Daí o seu inconformismo, volta e meia a repetir:

- A gente constitui família, mas acaba às vezes perdendo os filhos...

Doía, se doía!...

Principalmente por esses dias, ausente da sala de aula, sem mais o solicitarem, como antes, para esclarecer assuntos importantes da universidade. Amargurado, com-

preendia que já não era mais requestado como nos dias de exercício da cátedra. Sabia-se posto de lado, de nenhuma força para opinar...

A esposa não cessava de estimular:

– Somos felizes, criamos nossa família e não temos dívidas.

Não era bem como vivia ouvindo, mas na verdade cabia o ditado: perdidos os anéis, ficavam os dedos...

A tanto foi-se conformando à idéia de que tinha de conviver com outras, regras; aceitar a família; prelibar a chegada do Natal, quando os filhos enchiam a casa com sons novos e choro de criancinhas, netos que lhe tomavam a atenção...

Passada a quadra festiva, essa felicidade diluía-se; e a casa imergia, naufragando. Tudo voltava ao que era. A mulher, arredia, punha-se silenciosa, muda. E ele, tão sofrido quanto ela, propunha remediar a situação:

– Clara, precisamos compreender que o nosso tempo passou...

Altercavam de modo inconseqüente, mas não demoravam fazer as pazes, pois afinal compreendiam que não podiam escapar da rotina que a velhice lhes impusera. Assim, depois da reunião do Natal, retornava a gasta existência: passeio de ônibus, visita a uns raros amigos, gente que a pouco e pouco ia desaparecendo. Não de raro a leitura de inesperado convite-enterro. Mais um amigo que se ia, outro elo que perdiam na corrente da vida.

À noite o usual convite da esposa:

– Acabou o horário da novela. Vai começar o noticiário.

Abandonando a leitura do jornal o homem atendia ao chamado, ia parar, submisso, diante do aparelho de TV. “Meu Deus – pensava –, que importa o mundo, o pronun-

ciamento das autoridades, as greves, as grande decisões políticas?”

E em dia de maior desânimo, questionava consigo próprio:

SERÁ QUE AINDA SOU ALGUÉM?

Raríssimo, por último, receberem visitas. Os mais íntimos, constrangidos, desculpavam-se de não os verem com frequência. É que não mais podiam sair de casa, tais os assaltos, a insegurança na rua... E por cima, para completar, o desconforto do ônibus sempre lotado.

Por vezes – não custava acontecer –, notando-o deprimido, a mulher convidava:

– Querido, vamos ver os retratos?

Ele animava-se. Seguia Clara até o quarto onde logo participaria do ritual dessas ocasiões. Zelosa, a mulher colocava em cima da cama a caixa de papelão em que guardava a memória de suas vidas. E, enleados, começavam os dois a rever as fotografias da família, umas vulneradas pelo tempo, outras irresistivelmente esmaecidas; tudo, pessoa e coisas, ali, de repente porejando emoções de ontem, algo que parecia tomar outra vida...

Iniciavam longo e demorado passeio no tempo, viagem de sonho – mais provável de filme – em que se interpenetravam de pasmos e surpresas.

– Meu Deus, como eu era aos vinte anos!

– E eu? Neste retrato usava um novo chapéu de palhinha.

– O homem gordo, perto de ti, quem é?

– Deixe-me ver...

Alfredo firmava melhor os óculos de grau, apurando a vista:

– Andrade, José Andrade, meu tio.

Por infelicidade era casado com uma esnobe, apelidada a “mulher dos castiçais de prata”.

Caricata, Clara imitava a tia afim:

- “Não sei o que faço com a minha preciosidade. A prata está tão valorizada...” - “Não posso perder essas jóias!”

- Que ficou deles?

- Dos castiçais?

- Sim.

- Não eram de prata, infelizmente.

Ele ria sem parar.

- Só assim me divertia hoje! Engraçado mesmo!

Noutra fotografia viam-se num grupo de amigos, talvez reunidos a festejarem dez anos de casados.

- A do meio, dona Margarida, nos deu uns copinhos de servir licor, nunca utilizados.

- Lembro.

- Creio que possuía muito dinheiro.

- Herança dos pais. Morreu?

- O ano passado... Parece que o dinheiro já não valia tanto.

Correndo as horas, sobrevinha-lhes o sono. Cuidando de não atenuar as emoções rebrotantes outra vez, a mulher recolhia as fotos como se fossem cartas de baralho de muita estimação. Juntava-as sob especial diligência e deleite na mesma caixa de papelão protegida pelas bolinhas de natalina que, anos atrás, recebera do marido com uns lindos sapatinhos de salto-de-cortiça, então na moda.

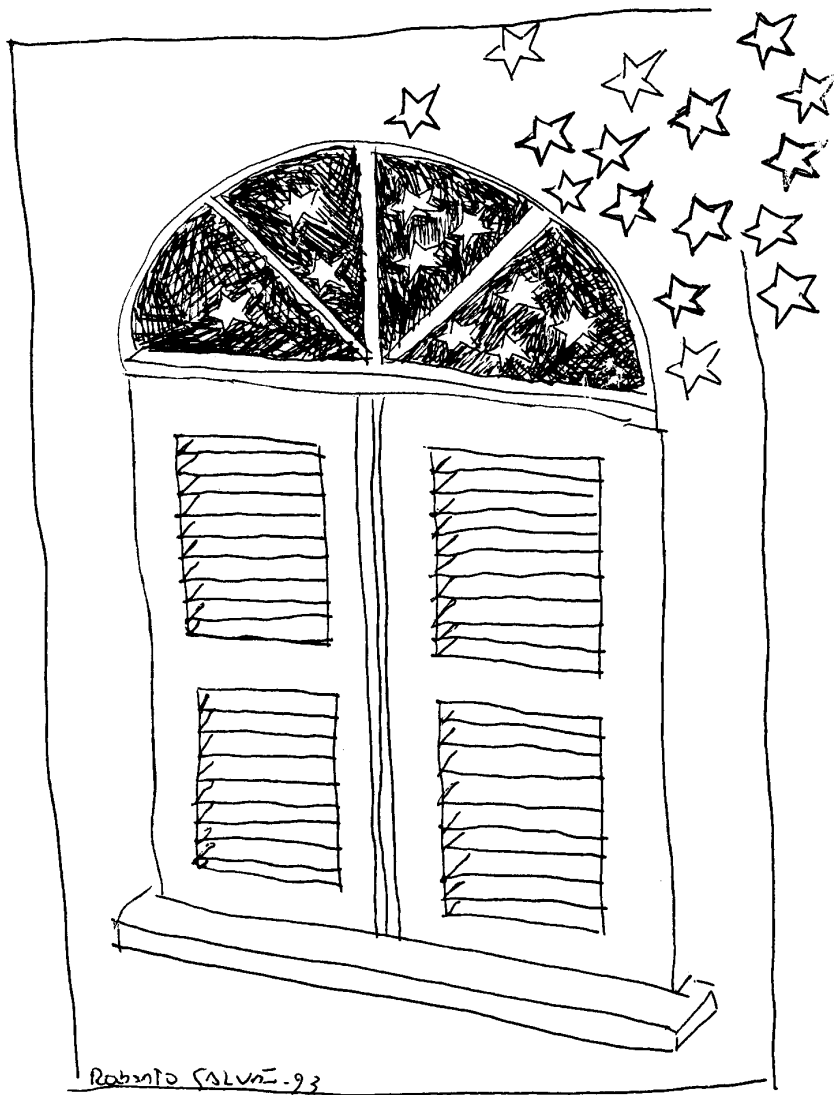
Estava terminado mais um dia de ambos.

Abraçados e comovidos iam guardar-se depois na cama, como dois retratos, o que na verdade eram.

E igualmente esmaecidos pelo tempo.



Apenas a noite



Roberto SALVATI - 93

A NOITE estava no movimento da rua, no ar, nos passos sobre as calçadas; na voz dos que passavam e em portas que se abriam e cerravam ao longo da quadra de vidraças iluminadas.

Não havia ainda a luminosidade intensa das lâmpadas do passeio. Por isso, quem subia a rua podia ver atrás das venezianas as silhuetas de homens e mulheres no trânsito de alcovas, na intimidade de banheiros onde, gorgolejantes, se repetiam as descargas ruidosas e imponderáveis.

Dava hora em que nada diferia de outras noites. A mesmice de sempre. Vozes. Arruídos. Gente, à pressa, voltando para casa.

Assim mesmo, criatura como Arminda, sentia que vivia ou estava para viver momento diferente de quantos, ao longo do tempo, experimentara. Pressentia, na vá habitualidades de passos anônimos (e eram tantos!); no movimento de várias portas dando passagem a alguém, ao toque súbito de campainhas premidas por quem se anunciava à porta, gerar-se um quer que fosse hostil, adverso. Decididamente o surgente anoitecer, difuso e anárquico em seus naturais sons e paradoxalmente disciplinado em sua maneira de ser, se igualaria aos de outros dias, antes.

Foi quando a porta da frente, de acesso para quem chegava, fez soar o sininho de aviso. Era Cândido Batista.

Ela aguardou que o marido caminhasse pisando lento e pesado sobre o chão alcatifado até, primeiro, parar rente a mesa do corredor, e come em todos os dias, àquela mesma hora, reparar se ali estava uma ou outra carta recebida em sua ausência; e seguir em direção ao quarto de vestir.

Não tardaria redefinir-lhe a situação dos seus negócios, analisando a situação do País, o empobrecimento geral que não cessava, a preocupar os que como ele haviam até então tido sorte em suas transações. Insípida e repetitiva conversa formal, estatística, com dados sobre os papéis da Bolsa.

Como aquilo a enfastiava!

Já não se sentia disposta a ouvir a exposição comercial que lhe impunha o marido sempre pessimista, a repetir números, meros indicativos do mundo dos negócios. O mundo dele...

E, de repente, surpreendeu-se à sua voz, dessa vez despida do tom de revelações utilitárias:

– Onde está você, Arminda? No banheiro?

Não obtendo resposta, ele percorreu o interior da casa, pressuroso. Tinha algo importante para contar. E a tanto Arminda imaginou ter-lhe morrido o pai, desenganado havia dias.

– Arminda?! Arminda... Olha...

Àquele exato momento, pareceu à mulher muito oportuno lhe querer dizer o marido, que se ia ausentar. O sogro, indo dessa para outra melhor, exigia certamente a presença dele no Rio de Janeiro.

– Arminda, onde você se meteu?

Encontraram-se na sala. Ele não se livrara ainda do paletó, peça que o fazia ao mesmo tempo solene e simplório.

- Acho que o padre endoidou. Largou a batina!
- Que padre?
- Quem haveria de ser?
- Não, não sei.
- O Sobreira!

Foi a vez dela não conter a admiração, o pasmo:

- O Padre Sobreira?

A notícia arrebentara a seus pés como rojão, ruidosa. Que desvario acontecera a seu confessor, conselheiro de senhoras casadas, sacerdote de extraordinária disposição para perdoar?

Hem? Repetisse. Era exato o que acabara de ouvir? Seria realmente fácil o padre desenlaçar-se de sua maneira de viver e proceder efetivada às prédicas, ao púlpito, sem mais aquela?!

Como sacerdote respeitável e culto, entrado em anos, podia decepcionar a todos, cometer tamanho desatino?

- Você escutou? Padre Sobreira é só Sobreira agora. Não mais ouvirá ninguém em confissão. Pode-se aceitar?
- Então não diz nada? - Tornou o homem irritado.

Calava-se, impossibilitada de livrar-se do estado de choque em que se metera. Não conseguia voltar à calma, presentindo confirmada a noite de maus presságios.

Havia certamente o que indagar, mas tudo dependia daquele momento em se sentir senhora de suas emoções. Por exemplo: se o Sobreira, o Padre Sobreira, ia-se dali para longe, ou decidira, desequilibradamente, continuar morando na Paróquia...

Afinal perguntou, a temer a resposta:

- Parte daqui?
- Como?
- Vai embora?
- Era o que devia fazer... se fosse homem de bom senso.

Cândido Batista passou para o quarto, mas deixou a atmosfera de estupefação inflada na sala, no corredor, a constranger e sufocar o peito de Arminda, visivelmente preocupada. O marido dela pôs-se a refletir – podia estar desconfiado... não obstante o cuidado de se fazer desinteressada por ele. Mas já não podia mais suportar.

Acudiu à porta do quarto, tentando obter informação mais satisfatória:

– Não lhe adiantaram mais nada?

– Só o que lhe disse.

Foi até a frente da casa ver, da sala, a movimentação da rua; queria desconstranger-se. E defrontou novamente a noite, aquela noite impaciente de mil ruídos, cheia de pessoas vexadas, envolvida pelo cheiro proletário e característico do pão recém-saído do forno...

Tão forte a presença daquele instante, que, de repente, ela compreendeu: se cerrasse a porta, baixasse as cortinas, não conseguiria alhear-se.

Como se não bastasse, aquela do Padre Sobreira despir-se da batina, passar à condição de homem comum. Como podia suceder uma coisa dessa?! E logo com quem, o seu confessor! “Conte-me tudo, abra-me seu coração, revele todos os seus sofrimentos. Deus perdoa melhor quando conhece a razão dos nossos impulsos para o mal. “Ninguém pode encarcerar pecados”.

Arrepiou-se à idéia de que a noite a envolvia tentando escondê-la ao julgamento do marido, mas assim mesmo não deixava de ser personagem de um drama...

Voltou sobre os próprios passos pelo corredor, a lhe parecer mais longo do que nunca. E sentiu transpirar, e talvez realmente estivesse nervosa ante o impacto da história do Padre.

À mesa, por ocasião do jantar, manteve-se tensa.

Entre uma garfada e outra, Batista reincidia no assunto como se a atitude do confessor da esposa o impressionasse sobremaneira. Arminda, que não pudera refazer-se àquela revelação inusitada, mal podia arruinar os pensamentos face as considerações que ouvia, certamente arrumadas com outro propósito.

- Atente para o detalhe. Um padre é senhor do segredo de confissão de cada pessoa que o procura. Fica-se imaginando que haverá resguardo, conveniência, para sempre ... Mas ocorrerá desse modo com um desertor da religião, que prefere continuar morando, convivendo com os seus paroquianos? Que me diz você a isso, Arminda?

- Não sei...

- Acha que estou certo? Não julga uma imprudência dele, do patife?

- Não, não sei.

Devia falar o quê? Jamais lhe passara pela cabeça fosse o confessor tomar aquela atitude. Mas concordava.

Não acabou a refeição. Anunciando estar com outra ameaça de enxaqueca, retirou-se para repousar.

No quarto, só com seus pensamentos, não podia de modo algum libertar-se da figura do confessor - ex-padre? - cravada em seu pensamento obsessivamente. Então passou a compreender quão vulneráveis eram as criaturas. Havia sempre hora em que a parte mais débil cede, acusa...

De momento para outro - e teria de acontecer naquela noite - deixava de existir a personalidade séria em quem tanto confiara para desencarcerar-se..

“Se ao menos não ficasse ali, preferisse partir!”

“NINGUÉM PODE ENCARCERAR PECADOS...”

Deixou a cama, tonta; vontade de sair de porta afora, desaparecer.

Batista pegou-a pelo braço, chamada à razão.

– Está se sentindo assim tão mal?

– Sim, sim.

– E enxaqueca... ou a decisão do Sobreira?

– As duas coisas.

– Quanto ao padre você não pode dar jeito, naturalmente, mas pode curar-se. É deitar por instantes, procurar fechar os olhos, ignorar o problema dos outros.

Aceitou paciente repousar outra vez.

– Esqueça o padre. Sei que era seu confessor. – Assumiu o tom conciliador. – Com toda certeza acabará indo embora, desaparecendo daqui. É o que devia fazer.

Saiu direto do quarto para apanhar o paletó, conformando então o pensamento à realidade que o vinha incomodando havia tempo. Precisava com urgência esclarecer o que estava acontecendo com a mulher. Já não era a mesma para ele.

Ganhou a rua, alheio da insólita noite que fazia, adensada, compactamente barulhenta. Alguém, ao vê-lo atravessar o asfalto, cumprimentou-o. Correspondeu a gentileza, cortês, mas evasivo. Seguiu adiante, à pressa.

Não tardou empurrar o portãozinho do jardim da residência paroquial, chamar à porta quem lá estava, e arrepanhar a surpresa do próprio Padre Sobreira (continuava mesmo sacerdote?), que acudira a ver quem era.

– Ah, o senhor: Admirou-se, vendo-o.

– Boa-noite.

– Entre, entre. Venha para o meu escritório... Estou tentando pôr em ordem a correspondência da semana.

Cândido Batista avançou até deparar a mesa, a máquina de escrever. Contemplou os papéis epistolares; os dicionários, a Bíblia.

– Algum problema?



O visitante dava a impressão de estar longe dali e não ouvir nada. Tinha o ar de quem se eximia desse inesperado confronto, ou de algo que, sendo real, o feria profundamente.

– Algum problema... particular? – Reinquiriu o outro.

Batista continuava de pé, sem disposição para sentar, nem vontade de falar. Emaranhava-se, perdia-se numa inaproveitada reflexão, indeciso quanto ao acerto da atitude a tomar. E sob incontrolada pressão emocional optou pela frase que, não obstante reelaborada a caminho, escapava-lhe agora, desajeitada e imprudente.

– Já que o senhor não é mais sacerdote, quero saber algo que me incomoda há meses... É sobre Arminda.

Cresceu entre os dois um silêncio apesante, demorado. Foram-se alguns segundos, tão alongados quão inesperados, até o padre exprimir-se sob aparente calma:

– Seria melhor o senhor tentar me entender. Nada tenho a lhe dizer.

– TEM!

– Espero que seja razoável. Por deixar a batina, não quer significar que me transforme em delator.

– Exijo o nome do outro.

Houve ruído metálico de peça de metal se chocando com outra no recinto estreito ou à porta da rua, algo assim como trinco de ferro; de portão, sendo corrido; ou qualquer som estridente indefinido. Mais provável houvesse ocorrido aquilo dentro da saleta, a poucos passos dos dois homens.

Pelo recortado do portal, Sobreira – que até então não se dera pelo adiantado da hora – deparou lá fora, na rua, o escuro opressivo da noite, sem compreender que nem sempre é dado ao homem assistir de novo o amanhecer.

O tom de voz de Cândido Batista foi-se alteando qual vaga em crescimento, imprevista mais contundente.

E instante veio afinal que, para o ex-padre, passou a existir apenas a mais longa de todas as noites.

0 domingo



NENHUM ruído na rua quando o despertador disparou. Espertada antes da hora, já de pé Antonieta imaginou as providências a tomar, ciente de que os de casa iam ao campo em dia de muita animação.

O domingo amanhecia; o serviço de meteorologia anunciara a temperatura em elevação, e sol. O filho, a nora e os meninos estavam certos de ganhar mais um dia de agradável lazer.

Pelas venezianas entreabertas para refrescar o quarto, ela percebeu o vozerio dos que passavam, também apressados, sob a mesma razão que animava a família. E a tanto considerou: dava hora de tomar providências. Por isso foi até a cozinha acender o fogo, esquentar a água do café.

Diante da mesa da sala de jantar avaliou mentalmente as guarnições e peças já dispostas por antecipação, e inventariou o número de xícaras, pratinhos e talheres. Tudo da forma desejada, inclusive o pão encaminhado ao forno.

– Nossa! A senhora chegou primeiro!

Era a empregada sonolenta. Havia dormido tarde, explicou, deslembada que eles iam a passeio, passar o dia fora. Também faria o mesmo, prosseguiu, pois não agüentava o domingo dentro de casa, de castigo.

- Já entendi que você sai, não é novidade! Mas agora corte o queijo e ferva o leite. Preciso ver os outros.

A porta dos quartos, de um a um foi avisando: davam as horas de levantar, o dia ia ser de muito sol, a mesa posta...

Foi cuidar de vestir o netinho mais novo que choramingava. A nora, com ar de quem não se queria de pé, reclamou:

- Ah, meu Deus! Passar dia fora é bom, mas quanto trabalho! Por mim, preferia ficar deitada...

- Se quiser, demore mais. Vou cuidar do calção do Júlio. Disse e caminhou pelo corredor; voltou aos quartos, passou à copa; demorou um pouco sozinha a dar conta de tudo.

Enquanto andava, ia falando:

- Já arrumei os copos de alumínio. A garrafa térmica está preparada.

- Vovó!

Foi saber o que queriam dela, satisfeita de resolver todos os problemas e, a tanto, se sentindo leve, como se não pesasse a idade, os achaques, sua maneira de viver.

Movimentava-se silenciosa, bastante compenetrada do que fazia. Vendo os compartimentos da casa se desocuparem, inspecionava-os a apagar lâmpadas, ou a recolher uma ou outra peça de cama, lençol ou travesseiro deixado por desleixo.

Uma voz de menino queria saber:

- Vovó, viu meu binóculo?

- Está em cima de sua mesinha de estudo.

Ignorando a resposta o menino insistia:

- Me dá ele, vó! Me dá!

Ela encolheu os ombros a vezo próprio quando algo lhe desagradava, e foi até a copa onde imaginou precisassem de seus préstimos. O leite - tomou conhecimento - não ia chegar para todos, o que deixava o filho aborrecido.

- Dei dinheiro suficiente para não faltar!

A empregada defendia-se. Queria milagre? Ninguém se contentara só com um copo...

- Vó, meu binóculo!

Antonieta respondeu em vago gesto de cabeça, como se dissesse: “não vê que me aborrece?” E acercou-se da mesa, a atenuar a discussão de dois netos pela posse da chocolateira.

- Calma, calma! Prêmio para quem não foi contentado!

- Quem já se serviu, ganha também?

- Ganha.

Apagaram-se os resmungos enquanto a avó alertava a hora da partida:

- Quem atrasar, fica comigo e as almas.

- Já estou pronto - gritou alguém.

A nora queria saber se Antonieta não esquecera de passar a camisa do menino mais novo.

- Vou providenciar agora.

- Ele vai precisar.

Percebendo o tom de azedume, desculpou-se:

- Me releve, sei que estou exigindo muito da senhora.

- Esqueça.

Resolveu deixar o café esfriando na xícara, cumprir outra tarefa.

- Para onde a senhora vai indo, d. Antonieta? - queria saber a empregada.

- Ajeitar a roupa do Maurício.

- Eu posso fazer isso.

- Deixe comigo, estou acostumada.

Vendo a neta de cabelos em desalinho, foi penteá-la.

- Você tem de ser mais vaidosa.

- Que é vaidosa?

Ela explicou, curiosa em saber se no local do piquenique havia piscina, lugar para banho público.

- Mamãe disse pra gente levar maiô...  
- Então, muito cuidado. Não fique longe dos adultos.  
De repente acontece uma emergência.  
- Que é emergência?  
- Ora, você só sabe perguntar! Agora trate de ir se juntar aos demais.  
- A senhora vem também?  
- Vou.  
- Com agente?!!! Nunca vai!  
- Estava brincando. Fico em casa pra tomar conta.  
Há muito ladrão solto por aí...  
- A avó já esteve em alguma piquenique?  
O sorriso lhe brotou aos lábios, aquiescente. Por trás um sentimento de saudade, algo que as pessoas deploram ter passado, ficando muito longe, longe mesmo...  
A nora veio saber a razão da demora, mas só pretexto para aduzir novas recomendações; e encargos muitos, a começar do videocassete que devia estar ligado para gravar a novela mais, não deixar de recolher o jornal do domingo, sempre atirado sobre a grama do jardim, e dessa vez prometendo as fofocas de artistas...  
A relação encompridou-se:  
- O motor da cisterna vai trabalhar até encher a caixa. E por favor não abra a porta!  
A empregada passando por elas duas advertiu:  
- Estou indo e só volto de noite. Vou também curtir o meu sol de praia.  
Pelo portão aberto da garagem o carro desceu até o passeio, o filho sentado ao volante, irritado com a demora da família.  
- Vamos ver se querem ir!  
Embarcaram todos. A avó teve a impressão de ouvir o homem comentar:

- Tão bom que mamãe nos acompanhasse! Fica só, abandonada.

- E a casa? Não temos vigia, infelizmente.

Antonieta fechou o portão, meteu a chave do cadeado no bolso e entrou em casa deparando o opressivo silêncio que parecia desabar sobre ela. A esses momentos compreendia: era aquilo o que as criaturas sentiam quando se desesperavam, e queriam morrer...

Foi andando a conferir os ferrolhos de portas e janelas, satisfeita de vê-los metidos convenientemente. Deu de comer aos passarinhos do viveiro; instou o bichano a aproveitar as sobras do café; desligou a máquina de lavar-roupa; fechou o último postigo da varanda, sentindo-se irremediavelmente um ser diferente dos outros...

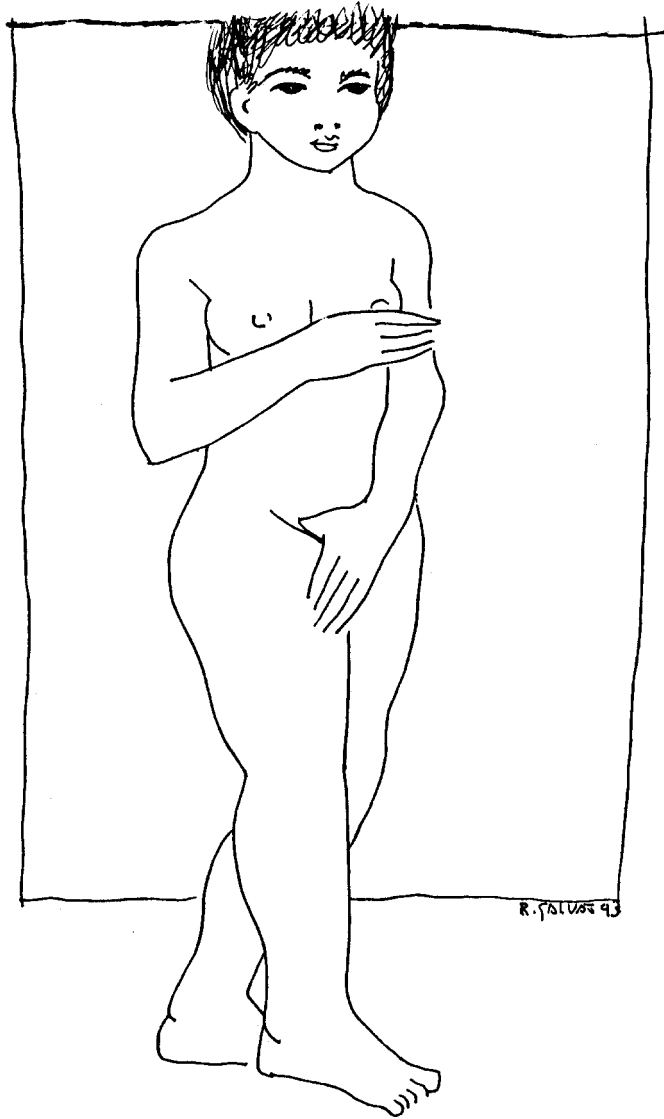
Seguiu então para o quarto, o refúgio, e se largou em cima da cama na emergente necessidade de reparar talvez o sono interrompido pela madrugada quando, ansiosa, desejou logo começar as tarefas que a aguardavam.

Desatou a chorar não a receio de morrer, pois a morte, tantas de tantas vezes pressentia, ser-lhe-ia boa companhia.

Chorava, sim, pela terrível dor de compreender que já não era uma pessoa, mas uma coisa.



O nu desolado



- Tchau!

Apressada, a datilógrafa bateu o ponto, desceu a escada da repartição. Corria. E ignorava os comentários irreverentes dos colegas. Consideravam-na presunçosa, cheia de si, um pouco sonsa, não obstante o falso comportamento que assumia.

De repente estava na rua a caminhar pelo passeio.

Havia ainda uns restos de sol, hora final do dia. Lojas, de vitrinas já acesas, retinham os derradeiros clientes.

Percorreu o comício. Depois postou-se à porta do cinema, fingindo interesse pelos cartazes que prometiam próximas estréias. De seu prazer ver fotos ampliadas de sedução e intimidade; e cenas de filmes impróprios a 18 anos.

Ah, como queria ser notada! E no entanto sua figura, por mais que fizesse, diluía-se no meio dos outros, gente como o bando de colegiais ali parado a ver a novidade da programação anunciada.

Diante do expositor mais freqüentado demorou perto de dois curiosos que também pareciam atraídos pelos cartazes. E a tanto se sentiu no seu elemento, pois adorava estar por perto de homem em imperceptíveis contatos, algo que a fazia desculpar-se coquete:

- Acho que bati no senhor. Desculpe. Foi sem querer.

Nisso o tempo ia passando e nem sempre ela conseguia o que pretendia: fazer-se observada.

Já por volta das sete e meia da noite resolveu apelar para o golpe da bolsinha deixada cair ao chão, confiando em que algum moço, mais atraente, resgatasse-a.

Não deu certo também.

Um cidadão entrado em anos lha restituiu em formal e indulgente cordialidade:

- Não é da senhorita?

- Ah, que bom! Muito agradecida! - A se fingir preocupada. Quase ia perdendo mesmo as minhas economias, não fosse o senhor! Mais uma vez meu muito obrigado!

Estava sozinha novamente.

- Droga!

Nervosa mas ciente de que a noite avançava e não conseguiria alguém para aceitá-la por companhia. Como seriam os próximos momentos?

Desceu mais o decote do vestido, se querendo ousada. Não podia esconder o constrangimento, a sensação de que fracassava...

Mais tarde o auxiliar da gerência do Cinema veio falar-lhe. A um canto, com delicadeza e certa habilidade, o funcionário explicou:

- E minha obrigação, mas nem sempre me entendem.

- Sim?

- Cuido de vigiar as mulheres "oferecidas". Gostam de vir até aqui para arranjar amiguinhos... Cinema, nisso, parece ter atração especial.

- Entendo.

Mas a senhorita querendo, pode demorar mais um pouco. Espera alguém?

- Meu namorado - mentiu.

- Então, fique à vontade. Talvez melhor entrar para a sala de espera, se resguardar.

- Estou quase saindo. Muito obrigada.

Ficou só, e com fome. E insatisfeita. No mostrador do relógio de anúncio. - "Beba "Coca-Cola" e viva feliz!" - verificou as horas. Mais de oito...

Resolveu sair em direção à fila do ônibus. Embarcou num coletivo desafogado, a torcer que o cidadão, o último a subir com ares de solteiro, viesse tomar o lugar vago do

seu lado. Mas foi uma velhusca que lhe fez companhia, a deplorar os costumes, a deseducação do povo, a carestia da vida.

- Não é mesmo, menininha? - dizia. - Ladroes por toda a parte, como se não bastasse o aperreio das doenças, os aumentos...

Falava, falava, falava. E ela alheia à conversa, ausente, bastante ausente, distante de tudo menos de si mesma.

Aliviada, viu o carro estacionar na parada onde descia.

Desembarcou sob a sensação de fugir, escapar àquele dia, à noite insípida e nada venturosa.

Em casa, depois de limpar o batom e o rouge, tomar demorado banho, foi parar diante do prato feito, falta de apetite mas ara-ta ao cuidado da mãe idosa, interessada em sua saúde.

Ela não suportando o ar de sofrimento da filha, que se transmitia à sala impregnada de odores de cozinha e nostalgia, amadureceu dolorosa reflexão:

- Vejo-a cada vez mais triste...

- E

- E eu queria tanto... - Calou-se por um instante, avaliando os desvãos que ficam no coração das criaturas. Pretendia muito alcançar, tocar ainda que de modo bastante leve a face do mistério que se impregnava na filha.

- Vamos, conte pra mim, conte.

O silencio - pensou - fala mesmo não dizendo nada. Talvez se tentasse, embora sem explicações, poderia compreender as razões daquele ser que era parte bastante íntima de sua existência.

Tomou a insistir:

- Conte, minha filha, conte

- Problema.

Assim disse e nada mais acrescentou.

Ré teimosa, talvez fosse, obstinada, sem desejar confessar.

Parou de se alimentar, cruzando o talher. Era como se outra pessoa ali estivesse ou não existisse, não fosse ela.

Recolheu ao quarto, cerrou a porta.

Nela entranhava-se uma tristeza espessa quando principiou a se despir. No espelho de lâmina inteira ia vendo refletir-se o desnudamento completo do corpo tão cheio de vida e de desejos, principalmente desejos.

Um nu, é verdade, mas desolado.

Irmão mais moço aprende  
lição





PELAS quatro da manhã já estava de pé, achando tudo estranho. A tênue claridade infiltrada por baixo da porta alteada do chão de tijolo vermelho, desgastado pelo tempo, não vinha da lua – e tanto ele desejava ver o clarão da lua, na cidade, àquela hora! –, nem do sol amanhecendo. Ao abrir a janela, curioso, entendeu: a iluminação pública não se apagava como no lugar distante, de onde viera. A essa idéia vislumbrou a mãe ultimando providências dentro de casa, anunciando:

– “É quase hora de fechar a luz. Dá já sinal...”

Não demorava a única lâmpada da sala (onde também faziam as refeições) esmaecer até perder o brilho (e nem brilho tinha) para inopinadamente subir, subir, parecendo clarear mais. Era vezo do maquinista da usina elétrica, o Massilon, a torcer para encerrar seu turno e poder voltar para casa.

– Tem café na chapa do fogão, passado agora.

A voz, do irmão.

Mais idoso viera antes, ainda aos anos bons, tentar a sorte na capital como biscateiro. As coisas não corriam a eu desejo mas dava para ir levando. Tinha onde morar; casinha de sala e quarto, a cozinha dividida para formar o banheiro exíguo.

- Vem, Chico.

Quem atendia assim fechou a janela e foi andando; a vontade era indagar mais detalhes sobre as pessoas da cidade, aonde se iam aventurar. Mas acabou indo se sentar à mesa tosca, o café fumaçando sem aroma. E, a tanto, transportado outra vez para perto da mãe, a casa em que a desolação invadiu quando o pai faleceu sem ninguém esperar. Ah, a morte devia anunciar-se, marcar dia e hora de chegada. O desenlace do pai, inesperado, acometera a família como naufrágio doloroso. Aí aprendeu: a morte não separa apenas as pessoas que convivem juntas; modifica a aparência de quem fica. A mãe, desde então, começou a murchar, seca de corpo e angulosa. Não demorou, era o homem do lar, o novo chefe. E então ele também percebeu: Já não importava mais o espelho pendurado atrás da porta, a pouca vaidade admitida, o colorido das faces para disfarçar palidez na ida à missa aos domingos.

- Hoje não tem pão. Nem sempre o dinheiro dá.

O silêncio tinha voz. Por isso desnecessário explicar que se sentia bem. Viera para a cidade sabendo dos embaraços por enfrentar; pouca comida, obrigação de fazer qualquer coisa... Não podia mais, nem queria segurar o cabo da enxada, a esperar Deus, as chuvas, a caridade, quando o tempo era áspero, cruel.

Levantou-se. O irmão murmurou algo assim “Já passava das cinco”, “deviam seguir mais depressa...” Se perdesse o primeiro ônibus, a espera tornar-se-ia longa. Ademais não alcançaria o centro, a tempo de pegar o melhor lugar...

- Não largue a sacola. Dá ladrão por todo lado...

Cada um conduzia produtos de venda: pentes, alguns cintos, diversas fivelas de enfeitar cabelo e mais artigos de vaidade feminina: batom, rouge, brilhantina, fiasquinhos de extrato.

O irmão repetia porque se encarregava de levar os dois expositores, improvisados tabuleiros. Não o conhecesse o motorista do ônibus, certamente viajaria sem os indispensáveis artefatos de madeira.

Os ônibus andam cheios. Ninguém quer ser perturbado.

Não custou se acomodarem no carro, mas de pé, instados a permanecerem à frente, próximos ao guiador. Em cada parada mais gente subia e a voz do comprador outra vez empurrava os passageiros para adiante, onde o espaço se reduzia, comprimido.

Ninguém falava. De vez em quando resmungo, palavras soltas sem sentido. Certamente viajavam juntos, mas os que se conheciam eram raros...

Novamente sem que se pudesse conter tornou direcionar o pensamento para sua terra, onde todos se chamavam por apelidos. Numa viagem ninguém se julgaria estranho. Cada qual falando mais alto e mais dizendo sobre coisas iam vendo, muita vez com alacridade, contando jumentos que descobriam pelos caminhos.

– “Vinte e dois!”

– “Vinte e três! É jumento de lote, vale por dois!”

Na frente o irmão advertiu: chegavam.

Desceram para o piso da praça, pressentida a movimentação tal número de pessoas que começavam a desfilar em procura de lojas e mercados.

Andaram calados até ele compreender, pelo gesto do irmão, ser ali o ponto de comércio. Não tardou, o que guardavam nas sacolas passar rápido para os tabuleiros, e o irmão mais velho que em casa se consumiam em silêncios, dar de apregoar a homens e mulheres, parados perto, em nutrida voz de apelo e imposturas:

– Pente, pente, peeeennnte! Pente para pentear mulher bonita, última novidade da Zona Franca de Manaus! Pente, pente, pente!...

Francisco se esforçava para imitá-lo. A um e a outro oferecia extrato, o vidro destampado, o líquido amarelo pingado na costa da mão.

- Aqui, aqui, o cheiro da moda!

Passada a primeira hora, viu-se obrigado a elevar o tom da voz; a praça estremecia sacudida pelos gritos de pente e sabonete, extrato e sandália japonesa. Ninguém se entendia, a crescer em tudo a vozearia, tantos e tantos os gritos tomando o ar, entrelaçados por ditos espirituosos. Assim, por assim, minutos a fio, sem ninguém se entender a melhor juízo. Mas a dado instante o arruído foi sossegado repentinamente como se algo sobrenatural – ou desumano demais – houvesse ocorrido.

Francisco ainda procurou saber o que acontecia, mas o irmão comandou decisivo:

- Bota tudo outra vez na sacola. É o rapa!

- Rapa?!!

- A fiscalização, a guarda-municipal.

Quando os policiais passaram por eles, a mercadoria já estava escamoteada, os expositores desarmados e encostados um no outro como peças fora de serviço.

- Acho que escapamos...

- Ainda não.

Um dos funcionários da ronda voltou para interpelar Francisco.

- Você! Novato?

- Sim, senhor.

- Faz tempo que chegou do sertão?

- Dois dias.

- E o cara aí?

- Meu irmão.

- Trate de regressar quanto antes! Aqui já tem gente demais pra dá problema. Na segunda ronda, não quero ver vocês, e fique feliz por não tomar a mercadoria.

Afastou-se vagorosamente, reparando a fisionomia de quem não se ausentara do lugar.

O irmão mais velho começou a explicar:

- Ele foi com sua cara, ou hoje estamos em dia de sorte. Da última vez que me peitou, perdi alguns pentes e sabonetes...

- E sempre assim?

- Acontece.

- Mamãe não imagina nada disso!

Arredaram-se daquela área, foram tentar a atenção dos fregueses mais à frente. Até a hora do almoço haviam vendido seis pentes, três sabonetes, um vidro de extrato.

Comeram espeto de carne feito na hora, se servindo generosamente de farinha, mas a vendedora reclamando:

- Credo! O que me pagaram não cobre a despesa da farinha!

O irmão mais velho sorriu-lhe, a jeito de quem se agradava dela. Foi o bastante para a mulher ajuntar mais um pedaço de carne para ambos, dizendo coquete:

- Não deixem de voltar...

A tarde, sem mais a interferência da autoridade, acabou. A chegada da noite, malgrado o dinheiro apurado, o irmão mais velho avisou: dava hora de partirem.

A caminho de casa, no ônibus, Francisco ansiava pelo banho da água puxada à cacimba; sentar-se depois na calçada até a hora de comer sanduíche de ovo, o jantar.

Agradeceu a Deus quando pisou novamente o tijolo vermelho, vencido aquele primeiro dia da atividade comercial de biscateiro. Agora começava a ver que tinha pela frente uma rotina de dificuldade, e andaria bem se a toda hora não se remetesse ao sertão distante, à sua casa de

morada, à velha senhora que ficara rezando pelo seu êxito na capital...

Alguém estava à porta com uma carta entregue à tarde pelo carteiro.

- Chegou logo depois do almoço.

Agradeceu, e relutante rompeu o envelope.

Parou às primeiras palavras: “Meu querido filho...”

Dobrou o papel, como ensinara o irmão mais velho, perdendo-se pela malcriação que fazia. Se queria mesmo vencer na grande cidade, considerou, era necessário mudar.

Para começar, esquecendo aquela carta...

# Documento

“De “Águas Mortas” (1943) a “O Escrivão das Malfeitorias” (1993) – 50 anos de atividade ficcional do contista Eduardo Campos.”

“ÁGUAS MORTAS”, livro de contos com o qual Eduardo Campos inaugurou sua profícua atividade literária, foi lançado em abril de 1943. Mário Sobreira de Andrade, na oportunidade, saudou-o com tamanho encorajamento, que provocou polêmica em Fortaleza, de um lado os que consideravam exagerada a apreciação do autor de “Escola Rural”, e, do outro, quantos vislumbravam no então estreante contista uma decidida vocação para o exercício ficcional.

Naquele comentário – “Eduardo Campos, caso literário” – Mário Sobreira de Andrade descobria no jovem autor de “Águas Mortas” a presença do escritor “Libertado”, servido de “um poder mais alto de criação e originalidade.”

Coincidente vão ocorrer breves mas significativos registros de crítica em âmbito nacional e internacional, como o de Sérgio Milliet, no primeiro caso, localizando em Eduardo Campos um fundo de história “angustiado”, e, neste, “sempre presente” o drama. Já Gastón Figueira externaria o seu entusiasmo igualmente simpático em resenha preparada para o “Books Abroad”: “His stories develop vigorously, and they have a profound human character which lifts them above the regional to the universal.”

Mas consagrador mesmo, pelo incentivo com que acudia, a carta que Mário de Andrade, a 12 de Maio de 1943,



endereçou ao autor, afirmando: concluída a leitura de “Águas Mortas”, escrevi na última página do livro: “Eu imagino um livro destes vindo de um autor dos Bálcãs ou da Cochinchina, lançado com prefácio de Romain Rolland... Parnait Strati será melhor??” Noutra passagem, adiante, enfatizava: “... é notável a originalidade da realização, o caráter vigoroso dos seus personagens, a força criativa das suas descrições! Você impõe seus assuntos, e convence!”

Na província, o aparecimento de “Águas Mortas” é recebido com igual entusiasmo pelos escritores Fran Martins, Aluízio Medeiros, Artur Eduardo Benevides, João Clímaco Bezerra, Orlando Mota, Antônio Girão Barroso, Osmundo Pontes, Abdias Lima, Florival Seraine, etc.

Do Rio de Janeiro, onde residia em 1943. Yaco Fernandes assina extensa crítica sobre “Águas Mortas”, ressaltando sua confiança no escritor: “...quem na idade do sr. Eduardo Campos estréia com o livro do fôlego de “Águas Mortas”, está na obrigação de vir a ser um dos mais seguros contistas do Brasil.”

“O Destino do Cabeça Chata”, conto de “Águas Mortas”, não demora ganhar espaço na principal publicação do País, a revista “O Cruzeiro”, ocupando duas páginas centrais, enriquecidas com generosas ilustrações a cores, de Percy Deane.

Confirmar-se-ia, em poucos anos, a vocação de Eduardo Campos para o conto, gênero em que, de modo bisonho se inaugurou em 1938, escrevendo “Agonia”, pequena história acolhida pelo jornal “Hélios”, órgão estudantil do Educandário Santa Maria: proeza repetida, anos depois, em 1941, na revista “Fortaleza”, outra publicação de estudantes, do Ginásio Fortaleza, com o título: “Da janela do quarto 13.”

Por esses momentos, em 1943, parecia o então jovem contista disposto a relegar a outra faceta do seu desempe-

nho artístico, a de autor teatral. Na verdade era dada por finda a fase do Teatro-Escola Renato Viana, que funcionou à época no bairro de São Gerardo, quando fazia sucesso a peça de sua autoria: “Falta uma Estrela no Céu.”

Impossível prever o autor de “Águas Mortas” retomasse ao teatro duas décadas depois com as duas peças mais representadas da dramaturgia cearense: “O Morro do Ouro” (350 apresentações) e “A Rosa do Lagamar” (500).

E para pontificar como um dos grande contistas do Ceará (oito livros publicados), participante de inúmeras antologias de contos, das quais duas editadas no Uruguai e uma na Alemanha, afora pequenas histórias vertidas para o inglês, francês e italiano.

Neste “O Escrivão das Malfeitorias” Eduardo Campos vem confirmar de modo exuberante, o vaticínio do poeta Carlos Drumond de Andrade, a seu respeito, em 1943:

“... há muito que esperar de um escritor assim corajoso e humano.”

Bibliografia de Eduardo  
Campos

## CONTOS

“Águas Mortas”, Edições Clã, Fortaleza, 1943. “Face Iluminada”, Edições Clã, Fortaleza, 1946. “A Viagem Definitiva”, Editora Fortaleza, Fortaleza, 1943.

“Os Grandes Espantos”, Editora “A Comédia Cearense”, Fortaleza, 1969, (Prêmio José de Alencar, Universidade Federal do Ceará).

“As Danações”, Editora “A Comédia Cearense”, Fortaleza, 1967, (Prêmio Cidade de Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza).

“O Abutre e Outras Histórias”, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1968.

“O Tropel das Coisas”, Editora O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1970.

“Dia da Caça”, Editora Cátedra, Rio de Janeiro, 1980.

## ROMANCES

“O Chão dos Mortos”, Editora O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1965.

“Á Véspera do Dilúvio”, Editora Record, Rio de Janeiro, 1966; 2ª edição, idem, 1967.

## FOLCLORE

“Medicina Popular”, Edições Clã, Fortaleza, 1951; 2ª edição, Livraria editora Casa do Estudante, Rio de Janeiro, 1956; 3ª edição (com o título “Medicina Popular do Nordeste”), Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1967.

“Folclore do Nordeste”, Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1959.

“Estudos de Folclore do Ceará”, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1959.

“Cantador, Musa e Viola”, Cia. Editora Americana – MEC, Rio de Janeiro, 1973.

## ESTUDOS

“Complexo de Anteu”, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1977.

“As Irmandades Religiosas do Ceará Provincial”, Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, 1980.

“Procedimentos de legislação do Ecúmeno Rural e Urbano do Ceará”, Secretaria de Cultura e Desportos, Fortaleza, 1981.

“Revelações da Condição de Vida dos Cativos do Ceará”, Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, 1982; 2ª edição, idem, 1983.

“A Viuvez do Verde”, Imprensa Oficial do Ceará, Fortaleza, 1983, (Prêmio Estado do Ceará).

“Imprensa Abolicionista, Igreja e Escravos”, Secretaria de Cultura do Ceará – Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1984. “Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX”, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1985.

“50 Anos de Ceará Agrário”, Stylus, Fortaleza, 1988. “Gustavo Barroso: Sol, Mar e Sertão”, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1988.

“A Fortaleza Provincial: Rural e Urbana”, IOCE, Fortaleza, 1988.

“Natanael Cortez e o Ministério da Palavra”, Stylus, Fortaleza, 1989.

“Aspectos Socioculturais dos Inventários da Ribeira do Mossoró”, Coleção Mossoroense, Mossoró, 1989.

“O Ideário de Manezinho do Bispo”, Gráfica do Senado Federal, Brasília, 1992.

“A Memória Imperfeita”, Expressão Gráfica Editora, Fortaleza, 1993.

## MEMÓRIAS

“Na Flor da Idade”, Edições Tukano, Gráfica Expressão, Fortaleza, 1988.

## OPÚSCULOS

“Decoração Teatral”, estudo teatral, Edições Clã, Fortaleza, 1948.

“Três Discursos” (Pronunciamentos, de parceria com Mário Sobreira de Andrade Girão Barroso), Edições Clã, Fortaleza, 1943.

“Discursos de Saudação e Posse no Instituto do Ceará” (pronunciamentos, de parceria com Mozart Soriano Aderaldo), UFC, Fortaleza, 1957.

“Cadeira 22” (discursos, de parceria com Raimundo Girão), Tipografia Progresso, Fortaleza, 1962.

“O Amigo Fala do Contista, e o Contista de si Mesmo” (discursos, de parceria com Otacílio Colares), Imprensa Oficial, Fortaleza, 1978.

“A Missão do Escritor e a Crise do Espírito” (discursos, de parceria com Artur Eduardo Benevides), UFC, Fortaleza, 1973.

“Estrada de Ferro de Baturité: História e Ação Social” (conferência), Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza, 1982.

## TEATRO (Peças editadas)

“O Demônio e a Rosa”, Edições Clã, Fortaleza, 1948.

“O Anjo”, Edições Clã, Fortaleza, 1950.

“Os Deserdados”, Editora “A Comédia Cearense”, Fortaleza, 1962.

“O Morro do Ouro” e “Rosa do Lagamar”, Edição “A Comédia Cearense”, Fortaleza, 1982.

## TEATRO (Peças encenadas – estréias)

“O Demônio e a Rosa”, Teatro Universitário, Teatro José de Alencar, Fortaleza, 1950.

“Os Deserdados”, Teatro-Escola do Ceará, Teatro José de Alencar, Fortaleza, 1952.

“O Anjo”, Festival de Arte de Amadores, Teatro José de Alencar, Fortaleza, 1955.

“A Máscara e a Face”, Teatro-Escola do Ceará, Teatro Santa Isabel, Recife, 1956.

“Nós, as Testemunhas”, Teatro Escola do Ceará, Teatro José de Alencar, Fortaleza, 1957.

“A Flor do Pecado”, TV Ceará, Fortaleza, 1962.

“O Julgamento dos Animais”, Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, 1962.

“O Morro do Ouro”, Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, 1963.

“A Rosa do Lagamar”, Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, 1964.

“A Farsa do Cangaceiro Astucioso”, Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, 1965.

“O Fazedor de Milagres”, Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, Fortaleza, 1967.

## TEATRO (Televisão)

“As Tentações do Demônio”, TV Ceará, 01.04.1961. “O Amargo Desejo da Morte”, TV Ceará, 30.04.1961. “A Morte Prepara o Laço”, TV Ceará, 11.12.1961. “Contrabando ao Cair da Noite”, TV Ceará, 10.03.1962. “As Fontes do Desespero”, TV Ceará, 19.10.1964. “Delito entre Flores”, TV Ceará, 24.11.1973.

**OUTRAS OBRAS (co-autoria)**

**“O DNOCS e o Novo Nordeste”, Ministério do Interior, Brasília, 1985. (de parceria com João Alfredo Souza Montenegro e G. S. Nobre).**

**“O Legislativo Cearense: 150 Anos de Atuação”, Stylus, Fortaleza, 1986. (em parceria com João Alfredo de Souza Montenegro e G. S. Nobre).**